



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

THAYAN CORREIA DA SILVA

**ENTRE O ROSÁRIO E A PÓLVORA:
O Beato Franciscano e a Vila de São Francisco, Quebrangulo-AL**

Maceió
30 de novembro de 2022

THAYAN CORREIA DA SILVA

**ENTRE O ROSARIO E A PÓLVORA:
O Beato Franciscano e a Vila de São Francisco, Quebrangulo-AL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social

Orientador: Prof. Dr. Siloé soares de Amorim

Maceió
30 de novembro de 2022

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Helena Cristina Pimentel do Vale CRB4 - 661

S586e Silva, Thayan Correia da.
Entre o rosário e a pólvora : o beato Franciscano e a vila de São Francisco,
Quebrangulo – AL / Thayan Correia da Silva. – 2022.
93 f. : il.

Orientador: Siloé Soares de Amorim.
Dissertação (mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de
Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 90-93.

1. Beato, Amorim, Antônio Fernandes, 1901-1954. 2. Vila de São Francisco
(Quebrangulo, AL). 3. Assassinato. 4. Memória. I. Título.

CDU: 392.89:234.15

AGRADECIMENTOS

Na minha monografia de graduação em História (2017), citei: "A gratidão é a memória do coração"¹. Ainda acredito nisso. Marcel Mauss (2013) teorizou que a dádiva da reciprocidade é parte intrínseca do ser social. É verdade que a gratidão gera reciprocidade, pois esta é uma forma singular de reconhecimento e uma maneira sincera de demonstrar afeto e carinho.

Portanto, mesmo correndo o risco de esquecer alguém ou de ser menos efusivo com outros, quero expressar meus agradecimentos.

Começo agradecendo a Deus, em seguida à minha família, especialmente à minha mãe, Adriana Leite Correia, e ao meu irmão, Natã Correia dos Santos, que estiveram presentes em quase toda a minha jornada acadêmica.

Agradeço principalmente ao meu orientador, Prof. Dr. Siloé Soares de Amorim, pois sei que não fui um orientando fácil. Se estou conseguindo defender esta dissertação, é graças ao seu incentivo. Enfrentei vários problemas pessoais e psicológicos, o que frequentemente atrasou minha produção. Se ele não tivesse insistido até o último momento, eu não teria concluído esta etapa que um dia tanto sonhei.

Também expressei minha gratidão à Professora Dr^a. Rachel Rocha, que esteve ao lado dele me incentivando, além da Professora Dr^a. Sílvia Martins e do Professor Dr. Jose Adelson Lopes Peixoto, este último me orientando desde a graduação.

Agradeço também aos meus colegas de mestrado: Danillo Roberto Teodozio Costa Pinto, Tayná Almeida de Paula, Anyelle Cavalcante Santana Chaves, Beatriz Veloso Lima, Claudia Cristina Rezende Puentes, Larissa Vanessa Santos Correia, Edineide Da Silva e Lannay Egidia Pereira Dos Santos, por cada momento nas aulas e nas trocas de experiências - foram momentos únicos.

Meus agradecimentos também se estendem aos amigos Romildo Neto e Lucas Soares Gueiros, pelas muitas horas de conversas que me ajudaram durante a redação de diversos trabalhos ao longo desta jornada. Agradeço também a Manoel Custódio, que sempre me recebeu junto com o Prof. Siloé Amorim.

Por fim, agradeço ao Programa de Antropologia Social por ter me qualificado junto à CAPES e ao CNPq, por fomentarem meus estudos com bolsas de iniciação científica durante a graduação e agora, com a bolsa de mestrado.

¹ Autor desconhecido.

RESUMO

O Nordeste brasileiro, no âmbito religioso católico, é marcado pelo surgimento de diversos personagens reconhecidos como beatos. Entre eles estão Padre Cícero, Antônio Conselheiro, Padre Ibiapina, Frei Damião, entre outros, que compartilham características como carisma, moralidade e a busca pelo "paraíso celeste". A população que os seguia os considerava indivíduos dotados de grande espiritualidade fundamentada na fé, no trabalho, na solidariedade fraterna e na caridade. Esses líderes religiosos foram responsáveis por movimentos sociais significativos, atraindo aqueles que fugiam da fome e da seca, em busca de uma vida melhor em uma jornada rumo à "terra prometida". Este estudo tem como foco o beato alagoano Antônio Fernandes Amorim, desde seu surgimento no sertão alagoano até sua peregrinação em Serra Grande, no município de Quebrangulo-AL, onde originou-se a Vila de São Francisco. A pesquisa visa compreender não apenas a perseguição política e religiosa que ele enfrentou, mas também sua inserção nos movimentos messiânicos-religiosos do Nordeste. Além disso, explora-se o seu assassinato em 1954 e o destino de seus projetos espirituais e sociais na Vila, que atualmente busca ressurgir com a administração de franciscanos comprometidos com os ideais do fundador, reverenciado mensalmente por peregrinos e romeiros que o consideram um santo. Para este estudo, foram realizadas pesquisas bibliográficas relacionadas ao tema, bem como análises de documentos que abordam o processo sócio-antropológico e histórico-religioso da formação da Vila, enquanto espaço de interação e trocas nos aspectos anteriormente mencionados. A coleta de dados documentais foi conduzida em arquivos públicos e privados, enquanto a pesquisa etnográfica foi realizada na Vila de São Francisco e áreas adjacentes. Este estudo não só visa analisar o processo sócio-antropológico do messianismo na Vila São Francisco, Quebrangulo, AL, mas também contribuir para uma compreensão mais aprofundada do beatismo, de alguns movimentos messiânicos em Alagoas e seu legado na sociedade alagoana como um todo.

Palavras-Chave: Vila de São Francisco/Quebrangulo-AL; Antônio Fernandes Amorim; Assassinato; Beatismo; Memória.

ABSTRACT

The northeastern region of Brazil, within the Catholic religious sphere, is marked by the emergence of various figures known as "beatos" (blessed individuals). Among them are Padre Cícero, Antônio Conselheiro, Padre Ibiapina, Frei Damião, and others, who share traits like charisma, morality, and a pursuit of the "heavenly paradise." The people who followed them perceived these individuals as having a profound spirituality grounded in faith, work, fraternal sharing, and charity. These religious leaders were responsible for significant social movements, attracting those fleeing from famine and drought in search of a better life on a journey toward the "promised land." This study focuses on the Alagoan beato Antônio Fernandes Amorim, from his emergence in the Alagoas backlands to his pilgrimage in Serra Grande, in the municipality of Quebrangulo-AL, where the Village of São Francisco originated. The research aims to comprehend not only the political and religious persecution he faced but also his involvement in the messianic-religious movements of the Northeast. Furthermore, it explores his assassination in 1954 and the fate of his spiritual and social projects in the Village, which is currently striving to revive under the administration of Franciscans dedicated to the founder's ideals. He is revered monthly by pilgrims and devotees who consider him a saint. For this study, bibliographic research related to the theme was conducted, along with analyses of documents addressing the socio-anthropological and historical-religious processes of the Village's formation as a space for interaction and exchanges in the aforementioned aspects. Data collection from documents was carried out in both public and personal archives, while ethnographic research took place in the Village of São Francisco and surrounding areas. This research not only aims to analyze the socio-anthropological process of messianism in the Village of São Francisco, Quebrangulo, AL, but also to contribute to a deeper understanding of beatism, some messianic movements in Alagoas, and their legacy in Alagoan society as a whole.

Keywords: Vila de São Francisco/Quebrangulo-AL; Antonio Fernandes Amorim; Murder; Beatism; Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração nº 1: Beato Franciscano _____	23
Ilustração nº 2: Membros do 39º Batalhão de Infantaria em ação _____	30
Ilustração nº 3: Membros do 12º Batalhão de Infantaria na trincheira _____	30
Ilustração nº 4: Prisão de jagunços conselheiristas _____	31
Ilustração nº 5: Jagunço conselheirista prisioneiro ao lado de alguns membros do exército _____	32
Ilustração nº 6: Destroços _____	33
Ilustração nº 7: Cadáveres nas ruínas de Canudos _____	33
Ilustração nº 8: Sobreviventes do conflito _____	34
Ilustração nº 9: General Artur Oscar de Andrade Guimarães e Estado-Maior em Canudos _____	35
Ilustração nº 10: Oficiais do 28º Batalhão de Infantaria _____	35
Ilustração nº 11: Recorte do Jornal “O JORNAL”, noticiando o falecimento do Pe. Cicero _____	42
Ilustração nº 12: Jornal “O POVO” de 7 de junho 1934. Falando sobre o Beato José Lourenço _____	44
Ilustração nº 13: Jornal O POVO, de 02 de março 1936, citando o Beato José Lourenço _____	47
Ilustração nº 14: Jornal O POVO, de 30 de novembro 1936, citando a invasão das forças do governo _____	49
Ilustração nº 15: Jornal O POVO, de 11 de maio 1937, citando o confronto entre a polícia e a resistência armada do Caldeirão _____	50
Ilustração nº 16: Fotografia de satélite da Vila São Francisco _____	55
Ilustração nº 17: Placa de concreto da Prefeitura de Quebrangulo _____	55
Ilustração nº 18: Mureta com pintura da Prefeitura de Paulo Jacinto _____	56
Ilustração nº 19: o Beato e a família Sibaldo _____	58
Ilustração nº 20: Ponto de ônibus _____	60
Ilustração nº 21: Orfanato São Francisco de Assis _____	60
Ilustração nº 22: O adeus ao Beato! _____	66
Ilustração nº 23: Recorte do Jornal Diário de Pernambuco, de 7 de agosto de 1954, noticiando o assassinato do Beato _____	67
Ilustração nº 24: Recorte do jornal “Correio da Manhã” (RJ), em 1º de setembro de 1954, noticiado a prisão de criminoso _____	68
Ilustração nº 25: Recorte do jornal “Correio da Manhã” (RJ), em 8 de setembro de 1954, noticiado a relação dos envolvidos com o crime _____	69
Ilustração nº 26: Recorte do jornal “Correio da Manhã” (RJ), em 24 de junho de 1955, noticiado o julgamento dos envolvidos com o crime _____	70
Ilustração nº 27: Um dos assassinos, José Guilherme da Silva, conhecido como Catucá _____	71
Ilustração nº 28: Frente do Santuário de São Francisco de Assis. _____	74
Ilustração nº 29: Irmão Eliomar _____	75
Ilustração nº 30: Interior do Santuário – a manjedoura no pátio externo _____	76
Ilustração nº 31: Interior do Santuário – o crucifixo no pátio externo _____	76
Ilustração nº 32: Interior do Santuário – Frei Damião _____	77
Ilustração nº 33: Placa In Memória à mãe do Beato Franciscano _____	78
Ilustração nº 34: Pátio externo do antigo orfanato _____	79

Ilustração nº 35: Varanda do Orfanato _____	79
Ilustração nº 36: Varanda do Orfanato 2 _____	80
Ilustração nº 37: Interior do orfanato _____	80
Ilustração nº 38: Porta _____	81
Ilustração nº 39: Ponte sobre o rio Paraíba _____	82
Ilustração nº 40: Entrada principal da Vila _____	82
Ilustração nº 41: São Francisco de Assis _____	83
Ilustração nº 42: Estação de Trem _____	83
Ilustração nº 43: Estação de Trem, a casa da estação ferroviária _____	84
Ilustração nº 44: Primeiras casas de moradores da Vila _____	84
Ilustração nº 45: O Beato Franciscano, busto em homenagem ao fundador da Vila _____	85
Ilustração nº 46: Frei Otávio, busto em homenagem ao sucessor do beato _____	85
Ilustração nº 47: Alicerce de uma das casas atingidas durante as enchentes de 2010 _____	86
Ilustração nº 48: Cemitério onde descansa o corpo do Beato _____	86
Ilustração nº 49: As ruínas da antiga igreja _____	87
Ilustração nº 50: Tumulo do Beato _____	87
Ilustração nº 51: Interlocutores _____	88

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	8
SUMÁRIO	10
INTRODUÇÃO	11
Apresentação.....	11
Fundamentação Teórica	13
Procedimentos Metodológicos	18
CAPITULO I	21
PESCADORES DE HOMENS	21
1.1 O HOMEM DA BATINA PRETA: Surge um novo beato no Sertão de Alagoas	22
1.2 MOVIMENTOS MESSIÂNICOS	25
1.3 CANUDOS E SEU CONSELHEIRO: A guerra trágica em fotografias	27
1.3.1 CANUDOS EM FOTOGRAFIAS.....	29
1.3.2 ENTRE IMAGEM E TEXTO.....	36
1.4 CALDEIRÃO DA SANTA CRUZ DO DESERTO: <i>terra sem males</i>	38
1.4.1 MEU PADIM CIÇO.....	39
1.4.2 O DISCÍPULO	39
1.4.3 O SÍTIO BAIXA DANTAS	40
1.4.4 O CALDEIRÃO DE SANTA CRUZ DO DESERTO.....	41
CAPITULO II	53
TERRA QUE EMANA LEITE E CUSCUZ!	53
2.1 A VILA SÃO FRANCISCO: “território e história”.....	54
2.1.1 LOCALIZANDO: A Vila São Francisco nos dias atuais	55
2.1.2 ANTES DO BEATO TUDO ERA MATO! Contexto histórico.....	57
2.1.4 BEATO FAZ MILAGRE? O milagre do cruzeiro	61
2.2 TUDO TEM UM PREÇO: o apadrinhamento e as relações políticas.....	63
2.2.1 VONTADE DE AJUDAR TODA AQUELA GENTE! O Beato e a política local	63
2.2.2 A VIAGEM DO BEATO! A tragédia do assassinato	65
2.2.3 O POVO PEDE JUSTIÇA! A repercussão e as reações sobre o assassinato	66
2.2.4 QUE HAJA JUSTIÇA! As prisões e os julgamentos dos acusados	69
CAPITULO III	73
“O QUE ACONTECE AGORA?”	73
3.1 A VILA SÃO FRANCISCO: novos rumos da história	73
3.3 O URBANO EM FOTORAFIAS: A Vila e alguns interlocutores	81
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
JORNAIS.....	92

INTRODUÇÃO

Apresentação

O Nordeste brasileiro foi berço da colonização portuguesa, local da primeira capital do governo geral que se instalou nas terras recém ‘descobertas’. No entanto, apesar do país ter começado sua formação nessa região, ela não foi privilegiada, pelo menos para a maior parte da população, que historicamente sofre com longos períodos de secas e com a presença de grandes latifúndios, elementos característicos na formação da sociedade nordestina, o que culmina em uma desigual distribuição da terra.

As missões religiosas foram de grande importância na construção das relações sociais do povo sertanejo no Nordeste. Com o passar dos anos, tornou-se escasso o número de padres católicos que serviam de fato à população em termos católicos. A ausência do clero e da Igreja oficial deixou o caminho aberto para a influência dos padres e missionários, sendo estes últimos muitas vezes iletrados, “simples e pobres”, o que os tornava iguais aos devotos. Surgem então os Beatos nordestinos, que não se definem como no direito canônico da igreja católica, e sim como homens e mulheres de fé que realizavam ações em prol dos mais pobres, atendendo dessa forma, a carência de frades romanos, lhes acenando para uma possível existência sem miséria, uma terra fértil para cultivar e uma promessa de salvação.

Em meados do século XIX, o Padre Ibiapina, considerado um dos primeiros a realizar o esforço de renovar e intensificar o contato entre o clero e os pobres no Sertão do Nordeste, criou casas de caridade e passou a reunir homens e mulheres para lhes conduzir a uma nova forma de viver a ordem religiosa (SILVA, 2010) e um porvir menos trágico, um o tempo que ainda aparecerá para suspender a pobreza e o abandono do poder público.

Mas apesar de sua atitude e esforços, em muitos lugares a população sertaneja continuava a sofrer por parte de políticos locais, comerciantes e dos grandes latifundiários apoiados pelo clero, o que gerou um conjunto de conflitos e divisões, pois os padres eram instruídos a proibir a presença dos beatos em suas paróquias, instaurando-se uma ruptura entre o catolicismo das elites, ligado à austeridade teológica da hierarquia, e o catolicismo popular das baixas camadas sociais. (SILVA, 2010).

Nesse segmento, o Nordeste teve diversas figuras emblemáticas, como o Padre Cícero, Frei Damião, Irmã Dulce, Padre Ibiapina, Maria de Araújo, Antônio Conselheiro, Pedro Batistas, Madrinha Dodô, dentre outros que deixaram um legado em termos de bondade e amor e, por isso, os espaços por onde transitaram e se estabeleceram, recebem peregrinações de

romeiros de várias partes todos os anos. À vista disso, o povo sertanejo selecionou seus próprios beatos fora da hierarquia oficial e semeou espiritualidade com base na fé, no trabalho e na partilha, construindo uma utopia de busca em direção à “terra prometida” e a salvação celestial.

No Brasil, os movimentos populares de cunho religioso, com caráter messiânico, obtiveram notoriedade a partir da segunda metade do século XIX. Em uma espécie de relação que une esses movimentos para além das questões sociais, existe um forte senso de coletividade, na medida em que subjuga as individualidades em nome do bem comum.

O artifício religioso é o principal condutor desses movimentos, na busca do encontro com o divino, que conduz a crença em um messias e em uma “terra prometida”, que assim como nos textos bíblicos, “emanaria leite e mel”, trazendo tempos de paz e prosperidade ao povo. Sendo o messias alguém enviado por uma divindade para conduzir seu povo a uma vida próspera, permitindo o advento do Paraíso terrestre.

O catolicismo oficial elege como Santo/Beato, cristãos cuja vida serviu como exemplo de santidade. No Nordeste, subentende-se, a partir dos motivos abordados, que o povo sertanejo elege seus próprios Beatos fora da hierarquia canônica. Sendo estes homens e mulheres que dedicaram suas vidas a semear fé e uma espiritualidade sem precedentes, ao realizar trabalhos voltados ao bem comum e na ideia de partilha, o que conduz para conceitos de construção de utopias sociais comunitárias, em torno de um ideal bíblico de “terra prometida”, onde muitas vezes tais comunidades, em espaços determinados (como Juazeiro Norte e Canudos, por exemplo), tornaram-se palco de guerras promovidas por elites junto ao estado com a intenção de acabar com tais utopias que ameaçavam o estilo de vida e a soberania das elites.

Em ENTRE O ROSÁRIO E A PÓLVORA: O Beato Franciscano e a Vila de São Francisco, Quebrangulo-AL, proponho fazer uma análise sobre a obra, vida e morte do beato alagoano, Antônio Fernandes Amorim, que surgiu, em condições análogas ao messianismo utópico, em missão pelo sertão alagoano no ano de 1936, logo após a morte do Padre Cícero no Ceará em 1934, sendo assassinado em 1954. E é assim que surge esse título, baseado em duas representações, sendo o rosário a representação do sagrado e a pólvora a representação da arma de fogo usada no assassinato do beato.

Conhecido como o homem da “batina preta”, devido ao hábito escuro que vestia, o beato vivia na Serra do Bom Jesus, povoado de Belo Monte, pertencente até então ao município de Batalha – AL, que atualmente encontra-se emancipado desde o ano de 1958. Andava com um grande rosário pendurado no pescoço anunciando que “era chegada a hora da penitência”. Seguido por uma grande multidão ergueu uma cruz em um sítio em Belo Monte, onde então se

formou uma comunidade, lugar esse, que virou atrativo para fiéis de todas as partes, buscando ouvir os conselhos do Beato franciscano. Mas não permaneceu por muito tempo naquela localidade, pouco tempo depois retirou-se para a região do agreste onde fundou a Vila de São Francisco Francisco², local da pesquisa de campo deste estudo. É neste local, que se encontram suas principais obras e as memórias coletivas sobre sua figura.

Nesta análise o objetivo central da pesquisa será, a partir de dados socioantropológicos, históricos, arquitetônicos e etnográficos, o de tentar compreender o processo que levou à construção da comunidade da Vila São Francisco, baseado nos ideais do Beato, as ligações políticas dele e o crime do assassinato em 27 de julho de 1954. Que tirou a vida do beato aos 53 anos, levando a uma comoção enorme, além da revolta durante o julgamento do crime, e finalmente, apresentar a Vila de São Francisco (fundação, auge e declínio), e, em dados etnográficos, a fé no Beato e, conseqüentemente, as romarias a ele dedicadas como parte de sua trajetória e relação com seus seguidores advindo do alto sertão alagoano (Batalha e adjacências).

Outro ponto importante nessa pesquisa é o processo de degradação das obras idealizadas pelo Beato e erguidas com o apoio da comunidade, assim como a memória coletiva criada sobre sua figura na Vila e adjacências, levantando algumas hipóteses sobre estes processos.

Fundamentação Teórica

A execução desse projeto está ancorada na discussão de obras que buscam elucidar a relação entre o trabalho de campo e a construção teórica da temática, que lhe confere sentimento de pertencimento e identidade, tanto aos habitantes da Vila de São Francisco como aos romeiros do Beato Fernando Amorim. Por se tratar de uma construção histórico-antropológica dentro de um movimento que já perpassa alguns séculos aqui no Brasil, será necessário fazer um estudo contextualizando historicamente a construção do conceito do beatismo, messianismo e catolicismo popular, tangencialmente, relacionados a conflitos sócio-políticos, religiosos, econômicos e culturais em torno da população regional nordestina, particularmente, a alagoana.

Para os fundamentos teóricos, uma das principais preocupações foi a relação entre “memória e história”, que no campo de pesquisa se constituiu a questão central da pesquisa, já

² Quebrangulo-AL

que a distância temporal entre o objeto deste estudo (a pesquisa propriamente dita) e o relato do assassinato do Beato franciscano (sua morte), é de quase 70 anos (1954-2019). Entre os autores que abordam o estudo da memória, destacam-se Ricouer (2007) e Walter Benjamin (apud Volz, 2019), sendo de fundamental importância para a análise das fontes Le Goff (2003), Pierre Nora (1993), Halbwachs (1990), dentre outros.

O foco escolhido para se trabalhar essa problemática foi a Vila de São Francisco, local construído a partir do movimento iniciado pelo Beato, que no decorrer do estudo vai-se perceber que esse local se tornou central na vida religiosa daquela região. A construção da memória, conforme aponta Halbwachs (1990) em seu livro "Memória Coletiva", não acontece de forma homogênea e depende da relação de cada sujeito com a sociedade, tanto em um período passado como no presente. Ao ir a campo tive que lidar com questões relacionadas à memória coletiva, quando se tratou das narrativas colhidas durante a produção de dados etnográficos, uma vez que os eventos possuem certa distância temporal na memória local. A justaposição etnográfica torna-se imperativa nesse contexto de aproximação e de apresentação da temática aqui exposta.

Outro autor importante para essa pesquisa é Peter Berger (1985), que no seu livro "O Dossel Sagrado", apresenta uma análise sobre a Sociologia da Religião, baseando-se nos pressupostos de três autores: Marx, Durkheim e Weber. Partindo da convicção de que a sociedade é feita por homens que constroem um mundo humano, tal mundo seria a cultura entendida como totalidade de produtos. Nesse sentido, seria pertinente destacar que ele realiza abordagens sobre um mundo estruturado pelo sagrado e pelo profano, com regras visando o possível estabelecimento da paz e da ordem. Com isso busco entender alguns questionamentos que surgiram no campo de pesquisa sobre a relação entre a instituição da igreja e a fé popular, que segundo o relato do Reitor do Santuário de São Francisco, na Vila, possui certos atritos que discutirei mais à frente, no capítulo 3 deste trabalho.

Já o livro "Antes do Fim do Mundo – Milenarismos e Messianismos no Brasil e na Argentina", de Leonarda Musumeci (2004), reúne uma coletânea de artigos de autores brasileiros e argentinos, dentre eles autores como a antropóloga Maria Amélia Dickie, os antropólogos César Cernadas e Maria Gabriela Morgante. A maior parte dos textos privilegia as questões culturais, buscando a interpretação de significados e de símbolos dos movimentos messiânicos no Brasil e na Argentina. Assim, essa coletânea ajudará na construção do entendimento do conceito de messianismo e seu movimento, de forma a suscitar um melhor entendimento dessa categoria sociológica.

A obra torna-se importante para meu estudo etnográfico na medida em que a minha relação com comunidade da Vila de São Francisco trouxe alguns novos questionamentos, como a preocupação em entender como é representado o Beato Fernando Amorim pela comunidade entrevistada e qual foi a sua influência na formação e construção da Vila. Até que ponto a representação agrega ou desagrega os devotos católico daquela região e a história local? Haveria incompatibilidade de pensamento entre os líderes religiosos atuais e os fiéis ligados ao Beato? Como os aspectos históricos e políticos que envolvem a comunidade agiram no processo de sua diversificação e convivência interna? Tais questões que norteiam a pesquisa no que tange às observações e reflexões, podem ser úteis para algumas questões em minha pesquisa.

A abordagem teórica se dá a partir de autores que tentaram trazer à luz o entendimento dessas ações, como Bronislaw Malinowski (1984) que argumentou que a religião surge das tragédias reais da vida humana, do conflito entre os anseios humanos e a realidade; Clifford Geertz (1989), sobre como tais perspectivas são resultantes de uma organização cognitiva do mundo, entre outras possíveis (senso comum, ciência e estética); Rita Laura Segato (1997) sobre a consideração e definição dos conceitos de global e local, observando que as forças estruturantes podem condicionar diversas expressões de caráter cultural e que estas podem responder às exigências da primeira.

Desroche (2000) auxilia essa pesquisa ao buscar esclarecer o fenômeno messiânico observando a figura do líder messiânico como uma figura atemporal. O autor então aceita a definição de messianismo proposta por Hans Kohn (1960), como sendo essencialmente a crença religiosa na vinda de um Redentor que porá fim à ordem atual de coisas, quer seja de maneira universal ou por meio de um grupo isolado, e que instaurará uma nova ordem feita de justiça e de felicidade. Pensando na ideia de paz e felicidade, surge meu questionamento sobre o que motivou algumas tragédias em movimentos messiânicos, como no caso de Canudos e Caldeirão. No meu caso específico, o Assassinato do Beato Fernando de Amorim.

Assim como a coletânea de Leonarda Musumeci (2004), essa leitura, ajudará na construção do conhecimento acerca do movimento messiânico, assim como suas características e efeitos sociais, compreendendo, dessa forma, as relações criadas na Vila de São Francisco e a figura do Beato dentro dessas relações.

Valho-me aqui do conceito de messianismo em Queiroz (2003), na sua obra "O Messianismo no Brasil e no Mundo", na forma de um modelo compreensivo-comparativo que afirma que o conceito popular de messianismo tem a sua origem nos textos bíblicos. Segundo a autora, "o conceito se formou, em seu primeiro significado, na luta do povo de Israel contra

seus vizinhos e adquiriu uma conotação definitiva no cativeiro da Babilônia” (2003, p. 25). As sociedades fundadas a partir dos movimentos messiânicos passariam a ter características voltadas para uma utopia da vida terrena. Desenvolvendo seu estudo dentro da Antropologia Social, muda a orientação, que era dentro de uma perspectiva da História Comparada das Religiões, e passa a investigar o fenômeno a partir da realidade cultural presente nas sociedades não ligadas historicamente ao judaísmo ou ao cristianismo. Ela aponta algumas características gerais dos movimentos messiânicos brasileiros e dá ênfase à figura do líder para o tal fenômeno religioso.

Além da pesquisa de campo, trabalho com a análise de registros históricos (fotografias, auto do processo e jornais). Inspiro-me, para tanto, no conceito de uma etnografia em arquivos, proposto por Cunha (2004), no seu livro "Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo", onde é feita uma análise a partir da coleção Ruth Landes Papers mantida pelo National Anthropological Archives (Smithsonian Institution).

As questões sobre arquivos etnográficos e arquivos pessoais, que são concebidos como construções culturais, perspectiva trabalhada por ela, me nortearão nas descrições dos arquivos coletados em campo, uma vez que ela propõe uma reflexão acerca das lógicas que orientam a instituição dos limites temáticos dos arquivos, seus critérios de legitimidade e inclusão, a transformação de instrumentos de trabalho de seus titulares em "artefatos", "documentos" e "fontes"; suas concepções de "valor documental", sua economia interna e seus usos na contínua reificação da autoridade de seus "titulares" como personagens de diferentes histórias da antropologia. Tal compreensão é fundamental para esse trabalho, para entendermos como as narrativas foram produzidas e como sua invenção resulta de um intenso diálogo envolvendo imaginação e autoridade intelectual.

O conceito do olhar, ouvir e escrever apresentado por Roberto Cardoso de Oliveira (2006) com o intuito de introduzir o leitor nos conceitos da pesquisa de campo antropológica, é também norteador desta pesquisa, pois nos indica que para este autor eles seriam a base para o pesquisador realizar uma boa pesquisa de campo. Através do que Oliveira aponta como as “faculdades do entendimento” sociocultural, que segundo o mesmo são essenciais no modo de conhecer das ciências sociais (essas faculdades seriam o olhar, o ouvir e o escrever), são apontados os elementos essenciais para a construção do saber antropológico, presentes na ideia de Leibniz (apud VAGNA, 2006, p. 18), que entendia a percepção e o pensamento como fundamentais para o entendimento social. “Pois sem percepção e pensamento, como então

podem conhecer? [...]” (2006, p.18). Essa obra será de grande valor para a construção de um saber etnográfico dessa pesquisa.

Busca-se na “experiência etnográfica” descrita por James Clifford (2014) analisar as noções antropológica e etnográfica de cultura e como essas noções se configuraram durante o século XX. Analisando os exemplos de representação, temos como pretensão explorar as fronteiras móveis na cultura religiosa em Alagoas, direcionando um olhar reflexivo para a história do messianismo. Fazemos isso recorrendo aos estudos da Antropologia da religião, referências imprescindíveis para a construção dessa pesquisa.

O conceito etnográfico da vida urbana das autoras Rocha e Eckert (2013), que expressa um percurso de investigação que tem como fonte a antropologia urbana em inter-relações com a antropologia da imagem também é aqui tratado. Em "Antropologia da e na cidade" (CANEVACCI, 2004), interpretações sobre as formas da vida urbana, composto de oito artigos, as autoras nos apresentam estudos antropológicos e práticas etnográficas em cidades brasileiras. Conforme as autoras, a ideia da obra está “relacionada à linha de pesquisa fundada no Brasil pelo professor Gilberto Velho” (ROCHA E ECKERT, 2013, p. 10). De forma análoga, as pesquisadoras declaram filiar-se a uma “comunidade interpretativa, da qual participam antropólogos brasileiros como Eunice Durham, Ruth Cardoso e seus orientados, Ruben Oliven e seus orientados, entre tantos outros” (p. 9).

A presença da antropologia urbana neste estudo é notável, especialmente na análise dos traços urbanos e arquitetônicos associados ao legado do Beato Fernando de Amorim. Esses elementos facilitam uma discussão alinhada à antropologia da imagem, conceito abordado por Rocha e Eckert (2013), que representa uma abordagem inovadora e contemporânea, refletindo a identidade acadêmica e investigativa das autoras.

A obra de Rocha e Eckert revela as interações entre carreira, memória e projeto, uma dinâmica que se assemelha ao cerne deste trabalho. Ao adotar os métodos propostos por essas autoras, busco analisar as narrativas que descrevem as interações sociais na Vila de São Francisco por meio de fotografias, delineando a construção da memória a partir de elementos tangíveis, como o orfanato, a escola, o mosteiro, o cemitério e todo o conjunto da Vila, fundada a partir da atuação do Beato. Rocha e Eckert interpretam a vida urbana sob a perspectiva dos moradores, utilizando imagens captadas nas fotografias.

Na reconstrução dos dados etnográficos, meu propósito é narrar as histórias da Vila de São Francisco e de seus habitantes, representantes de distintas gerações e estratos sociais. São

personagens centrais cujas perspectivas sobre os eventos cotidianos se transformam em memórias, as quais moldam o tecido social e a identidade da comunidade.

Procedimentos Metodológicos

A execução da parte prática do trabalho foi dividida em três etapas. Inicialmente, denomino a primeira como 'contato com o campo', realizada durante a construção do projeto de pesquisa (2019). Nesta fase, busquei traçar aspectos específicos da realidade do local de estudo. Foi um momento em que, como mencionado por Oliveira (2002), cheguei ao campo com questionamentos, ainda alheio à realidade, procurando me situar e esperando que o campo me direcionasse.

Nessa fase inicial, conduzi o primeiro levantamento de dados, focado em me integrar à comunidade e encontrar pessoas que pudessem me orientar sobre a história local. Minha apresentação e explicação sobre a pesquisa eram o foco, a fim de conseguir interlocutores que contribuíssem com suas memórias ou indicassem possíveis entrevistados conhecedores da Vila no passado e no presente. Este momento foi fundamental para o desenvolvimento das etapas subsequentes.

A segunda etapa, chamada de 'angústia', foi atípica devido à interrupção da pesquisa de campo pela pandemia de COVID-19 em 2020, coincidindo com o início das aulas no mestrado. No ano seguinte, apesar das expectativas de melhora devido à notícia da vacina, a situação pandêmica persistiu, causando incerteza sobre o retorno ao campo.

A incerteza sobre como proceder com a pesquisa nessas condições, especialmente considerando os interlocutores do grupo de risco devido à idade, trouxe obstáculos significativos. Muitos colegas de turma optaram por mudar seus temas de pesquisa para ambientes virtuais, mas minha esperança no controle da doença inicialmente me fez resistir a essa mudança. No entanto, a necessidade de adaptação se tornou inevitável.

Durante esse período, meu foco mudou da interação para a análise de documentos. Consegui acessar materiais e dados disponíveis em bibliotecas digitais, buscando informações para a construção narrativa. Nesse período, iniciei meu primeiro capítulo sobre a história do messianismo, utilizando análises de fotografias e jornais sobre Canudos e o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. A descoberta de documentos digitalizados nos arquivos do Museu Nacional foi surpreendente e útil para o meu estudo.

Além disso, estabeleci comunicação virtual com Edison Ribeiro, filho de dois de meus interlocutores, para conversar com seus pais sobre suas memórias da região. A transição do

contato pessoal para o virtual se revelou desafiadora não pela falta de recursos tecnológicos, mas pela acessibilidade e pelo distanciamento temporal de 70 anos dentro da memória coletiva, considerando que a maioria dos interlocutores são idosos e podem não dominar a tecnologia.

A terceira parte, intitulada de “novo início”, marcou o retorno gradual ao campo de pesquisa após um longo período ausente. Durante esse processo, realizei visitas quinzenais à comunidade, hospedando-me em uma pousada na cidade vizinha de Paulo Jacinto-AL, já que não havia acomodações na Vila. As viagens ocorriam nos fins de semana (sexta-feira a domingo), retornando a Maceió às segundas-feiras pela manhã.

Infelizmente, as festividades entre 2020 e 2021 foram canceladas devido à pandemia, incluindo o retiro de carnaval em fevereiro e as festas religiosas. Assim, meus planos de participação nesses eventos foram frustrados. Até o momento, a etnografia baseou-se apenas em interações presenciais com os interlocutores, análises fotográficas e recortes de jornais, além de interações online por videochamada.

Cada etapa utilizou procedimentos adequados às circunstâncias e objetivos. Primeiramente, adotei observações simples não controladas, como proposto por Moresi (2003). Contudo, a necessidade de superar problemas de participação incompleta, em decorrência da pandemia, levou à utilização de técnicas como observação direta semi-participante e entrevistas diretas com roteiros semiestruturados (Oliveira, 2002).

Das 14 entrevistas diretas realizadas, 4 foram presenciais antes da pandemia, 2 foram online durante a pandemia e 6 foram presenciais após a vacinação. Utilizei um roteiro pré-estabelecido para manter o foco da entrevista, embora este fosse flexível para acomodar as informações fornecidas pelos entrevistados.

A maioria dos entrevistados (77,8%) reside na Vila São Francisco, sendo que 44,5% deles residem lá desde a infância. Os demais (22,2%) residem em Paulo Jacinto-AL. A escolha dos entrevistados considerou sua ligação e a difusão da memória coletiva, incorporando indivíduos que passaram por mudanças socioeconômicas na região e mantêm uma conexão com os valores e obras difundidas pelo Beato.

A pesquisa utilizou a técnica de história de vida e morte (Rocha e Eckert, 2013) para rastrear a sequência de experiências dos entrevistados, reconstruindo parte de sua dinâmica sociocultural a partir de discursos fragmentados e muitas vezes contraditórios.

Para a análise dos eventos que levaram ao assassinato do Beato e à mobilização durante o julgamento dos assassinos, busquei entrevistar um grande número de pessoas em locais como praças, missas e residências. Utilizei abordagens diversas, como conversas informais, escuta de

diálogos e observações diretas e indiretas, especialmente focadas na oralidade (Halbwachs, 1990) e nos símbolos de memória.

Na apresentação dos resultados, dividi a pesquisa em três capítulos. O primeiro introduz o campo de pesquisa, abordando considerações sobre os messianismos e as narrativas de Canudos-BA e do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto-PB, analisando fotografias e discursos da época. O segundo capítulo descreve a história do Beato Franciscano, a construção da Vila e o trágico assassinato, baseado em entrevistas, jornais e documentos do julgamento dos assassinos. Por fim, o terceiro capítulo analisa o legado do Beato e as condições atuais da Vila de São Francisco, usando fotografias e discursos coletados durante o trabalho de campo.

CAPITULO I

PESCADORES DE HOMENS

o messianismo nordestino

A expressão "pescadores de homens" é uma metáfora que evoca aqueles que se dedicam a conduzir almas ao reino de Deus. Este termo tem origem na referência bíblica de Jesus Cristo ao convocar alguns discípulos: "Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens" (Mt, 4,19). O relato bíblico indica que imediatamente após o chamado de Jesus, eles deixaram suas redes e o seguiram.

Ao utilizar essa metáfora no título, busco destacar duas características centrais dos movimentos messiânicos. Primeiramente, o aspecto religioso, conectado ao divino e à promessa de um mundo melhor. Em segundo lugar, a habilidade de atrair seguidores para esses movimentos, por meio do "poder carismático", conforme conceituado por Neves (2014) a partir da definição de carisma de Weber. Segundo o autor, não há melhor conceito para explicar o fato de várias pessoas deixarem tudo para seguir tais movimentos, buscando um encontro com o divino e a construção de uma forma social, moral e religiosa ao seu redor. No entanto, meu objetivo não é meramente encontrar motivos que levaram essas pessoas a seguir esses líderes.

Neste capítulo, buscarei contextualizar historicamente e explorar alguns aspectos dos movimentos de Canudos e do Caldeirão, abordando os contextos históricos e sociais, os conflitos e os discursos gerados pela imprensa. Dessa maneira, pretendo analisar o movimento messiânico liderado pelo Beato Franciscano Antônio Fernandes de Amorim, a partir de uma perspectiva situacional elaborada em torno dos discursos produzidos sobre o evento. Especificamente, neste primeiro capítulo, examinarei outros dois movimentos messiânicos e os discursos produzidos sobre eles.

Para tal, dividirei este capítulo em três partes distintas. A primeira será dedicada a uma breve descrição de quem foi Antônio Fernandes de Amorim e sua entrada no movimento. Em seguida, abordarei aspectos teóricos sobre o messianismo e realizarei um panorama histórico dos movimentos de Canudos (1893), na Bahia, e do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto (1926), no Ceará, analisando tanto os movimentos em si quanto os contextos sociais que os circundavam.

1.1 O HOMEM DA BATINA PRETA: Surge um novo beato no Sertão de Alagoas

Antônio Fernandes Amorim, o Beato Franciscano³, emergiu como um beato no sertão alagoano em 1936⁴, logo após a morte do Padre Cícero no Ceará e a dispersão inicial do Caldeirão. Ele era conhecido como o homem da "batina preta" devido ao seu hábito escuro constante, e habitava na Serra do Bom Jesus, localizado no povoado de Belo Monte, que na época estava sob a jurisdição do município de Batalha - AL, embora tenha sido emancipado em 1958. O Beato era frequentemente visto carregando um grande rosário ao redor do pescoço, proclamando que "era chegada a hora da penitência".

Naquela região, uma multidão considerável o seguia, e com o passar do tempo, o beato decidiu erguer uma cruz no local. Mais tarde, ali se formou uma vila, que passou a ser um ponto de atração para romeiros de diversas localidades, ansiosos por ouvir os conselhos do Beato Franciscano. No entanto, essa movimentação começou a incomodar os fazendeiros locais, pois perceberam uma diminuição da mão de obra em suas propriedades. O crescimento da influência do Beato era encarado como uma ameaça à ordem social estabelecida, levando a uma perseguição direcionada ao Franciscano por parte desses fazendeiros.

³ O beato seguia a ordem dos franciscanos, sendo estes pertencente à terceira ordem nomeada também de Ordem Franciscana Secular, originalmente conhecida como Irmãos e Irmãs da Penitência, que tentam viver os ideais do movimento em suas vidas diárias fora da instituição da igreja. Os franciscanos são um grupo de ordens religiosas mendicantes relacionadas inicialmente dentro da Igreja Católica, fundado em 1209 por São Francisco de Assis. Essas ordens incluem a Ordem dos Frades Menores, a Ordem de Santa Clara e a Terceira Ordem de São Francisco.

⁴ A principal fonte sobre o Beato Franciscano é o jornalista Audálio Dantas que acompanhou e entrevistou o Beato entre os anos de 1938 e 1954, publicando artigos nos jornais: Folha da Manhã e Folha da Tarde em São Paulo.



Ilustração nº 1: Beato Franciscano. Na foto encontra-se Antônio Fernandes Amorim, ela foi publicada na Folha da Tarde em 8 de outubro de 1954 numa reportagem de Audálio Dantas (História de Alagoas 24 de maio de 2018 por Ticianeli)

Em busca de apoio, os fazendeiros locais recorreram à Igreja local e conseguiram que o pároco de Belo Monte (hoje pertencente ao município de Batalha) enviasse uma carta ao governador, relatando a presença de um suposto bando de cangaceiros com cerca de trezentos homens, ameaçando a ordem e a estabilidade na região. Diante dos esforços intensos contra o cangaço, o governador ordenou que o então major Lucena Maranhão investigasse a denúncia e agisse de forma decisiva contra esses alegados criminosos. Lucena era conhecido por seus embates com cangaceiros.

Acompanhado por seis policiais, Lucena dirigiu-se à Serrinha, onde abordou o Beato e ouviu os objetivos de sua pregação. Em seu relatório ao governador, informou que não encontrou irregularidades nem cangaceiros no local, descrevendo o grupo como um conjunto de "fanáticos religiosos".

Lucena orientou o Beato a deixar o local, alertando sobre a periculosidade de permanecer ali com aquela multidão. Ele imaginou que, ao deixarem o local, o grupo naturalmente se dispersaria, evitando agravar a situação. Entretanto, após sair da área em 1938, o Beato estabeleceu um novo povoado em Serra Grande, localizado no município de

Quebrangulo, também em Alagoas. Assim como em Serrinha, uma vila (batizada com o nome do padroeiro São Francisco) surgiu lá, formada por seus seguidores, que aumentavam constantemente com as peregrinações vindas de outros estados. O Beato construiu uma igreja, uma escola e um orfanato na região.

À medida que a Vila crescia, o prestígio do Beato também aumentava, mas ele continuava com uma vida simples, promovendo mutirões para construir casas e plantar roçados, sempre trabalhando como um braçal. Seu apoio a políticos durante as eleições e sua influência sobre os seguidores eram percebidos pelos políticos, que buscavam seu apoio para ganhar vantagem nas eleições.

Entretanto, esse apoio político não rendeu simpatia entre os opositores locais. Em 30 de julho de 1954, durante os preparativos para a festa de aniversário do Beato, planejada para ocorrer entre os dias 12 e 15 de agosto, com a chegada de uma grande romaria, dois homens desconhecidos na comunidade perguntavam sobre o Beato. Eles haviam chegado ao povoado na noite anterior e evitaram chamar atenção. Eram jagunços contratados por políticos para assassinar o Beato devido ao seu apoio eleitoral à família Mendes (NEVES, 2014).

Como não reconheceram o Beato, pediram a um dos moradores para indicar quem era o famoso líder religioso. Acreditando serem novos seguidores, algo comum, o morador indicou o Beato. Este estava em cima de uma escada, trocando a lâmpada de um poste, quando foi baleado pelos assassinos. O crime político nunca foi completamente esclarecido, e os mandantes nunca foram punidos. O Beato Franciscano foi assassinado em 27 de julho de 1954, aos 53 anos, e foi sepultado em 1º de agosto no cemitério da Vila São Francisco, com seu caixão carregado por uma multidão de fiéis.

1.2 MOVIMENTOS MESSIÂNICOS

Quando comecei essa pesquisa sobre a figura do Beato e seu trágico fim, minha abordagem inicial era de um mero entusiasta curioso, mas, posteriormente, assumi o papel de pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS. Nesse processo, percebi a importância de associar o Beato a movimentos messiânicos. Essa conexão é crucial para compreender a relação que o Beato estabeleceu com a comunidade e sua relevância histórica e social. Desde o início, a religiosidade foi um elemento central, levando pessoas a seguir o Franciscano desde Batalha, no Sertão alagoano, até Quebrangulo, no Agreste, em busca de uma vida melhor.

Em sua tese 'O Messianismo' (SCARDELAI, 1998), Queiroz (1963) buscou compreender o surgimento dos surtos messiânicos, definindo o messianismo como movimentos religiosos influenciados por fatores internos, como crenças, valores e relações sociais, e externos, como mudanças políticas, econômicas e tecnológicas (QUEIROZ, 1963).

Ao estudar esses movimentos, Queiroz (1963) não buscou uma razão social desviante ou uma relação política direta. Ela empregou uma abordagem tipológica e explicativa, classificando diferentes movimentos messiânicos para analisar suas estruturas internas e contextos de emergência. Utilizou conceitos de Durkheim (2000), como anomia e dupla causalidade, e os tipos ideais de Weber (1999) para analisar o carisma do líder.

Essa visão generalista define o messianismo como tipos ideais, como defendido por Neves (2014), para entender uma realidade observável, sem tornar seus conceitos puramente teóricos. Dois conceitos estão intrinsecamente ligados a esses movimentos: a crença na vinda de um salvador divino que trará uma nova era de virtude e justiça e a ação coletiva liderada por um indivíduo carismático para estabelecer essa nova era.

A análise de Queiroz (1963) servirá como base para uma compreensão mais ampla do cenário da minha pesquisa, considerando esses dados como variáveis inter-relacionadas, e não como elementos isolados ou justificadores por si só. A intenção não é encontrar uma única causa ou consequência, mas entender um conjunto complexo de fatores.

Embora os movimentos messiânicos sejam diversos, buscá-los como uma entidade unificada seria frustrante, já que cada um possui suas particularidades. No entanto, mesmo sendo distintos, é possível comparar aspectos específicos da vida social com diferentes propósitos, considerando aspectos regionais, como o coronelismo e o clima.

Ao abordar questões históricas nesta pesquisa, não pretendo encontrar uma origem ou uma lei geral do messianismo, mas compreender por que o Beato Franciscano está relacionado a esse movimento. O messianismo tem diversos exemplos históricos, cada um com contextos distintos. Por isso, escolhi apenas dois exemplos relacionados ao objeto desta pesquisa em termos de espaço, tempo e contexto social (Nordeste brasileiro, seca, coronelismo e política).

Esses elementos se situam no Nordeste, que, desde a colonização portuguesa no século XVI, possui um modelo econômico caracterizado pela concentração de terras em benefício de uma minoria, excluindo a maioria do acesso à terra. O latifúndio expandiu-se com o respaldo dos governantes locais. Essa realidade provocou resistências por parte dos excluídos sociais e econômicos.

Consequentemente, surgiram diversos movimentos de resistência entre os séculos XIX e XX, como o cangaço e os movimentos messiânicos, todos ligados às questões sociais e de posse de terra no Nordeste. Esses movimentos representam diferentes formas de resistência contra a exclusão e a opressão, como indicado por Furtado (1989):

[...] a sociedade formou-se no âmbito das fazendas, onde poder econômico e poder político eram duas faces da mesma moeda e onde os aglomerados urbanos nada mais eram que prolongamentos das fazendas. Esse quadro de isolamento reforçava a situação de dependência do trabalhador rural em face do senhor de terra. (FURTADO, 1989, p. 22).

Ao descrever o contexto nordestino daquela época, Furtado (1989) evidencia as complexidades sociais e econômicas da região, especialmente a concentração de terras nas mãos das oligarquias locais. Estas, utilizando-se das políticas relacionadas à seca e à miséria, exploravam e oprimiam os trabalhadores rurais.

A união entre a concentração de terras e os períodos de seca possivelmente contribuiu para o surgimento de uma crença num infortúnio de natureza mítico-religiosa. Nesse contexto, a fé tornava-se uma força motriz essencial que orientava os caboclos sertanejos. Isso resultava na formação de grupos em torno de indivíduos dotados de fé e carisma, como Antônio Conselheiro (Canudos-BA, 1893-1897), José Lourenço (Caldeirão-CE, 1926-1936) e Antônio Fernandes de Amorim (Vila de São Francisco). Esses líderes revigoravam a fé de um povo abandonado.

Canudos, o movimento que mais se distanciou temporalmente do evento aqui estudado, teve quase três décadas separando seu fim e o início do Caldeirão (1897 – 1926). O surgimento da Vila ocorreu cerca de dois anos após o fim do Caldeirão (1936 – 1938). Apesar dessa distância temporal, esses locais representaram experiências de vida comunitária que

rompiam com a lógica social do Sertão nordestino. Seus líderes personificaram a esperança desses povos e, por meio do trabalho coletivo, ergueram uma "utopia" em terras castigadas pela seca, fome e miséria. No entanto, mesmo enfrentando tragédias em suas histórias, somente as duas primeiras comunidades foram dizimadas.

A primeira escolha histórica é o conflito ocorrido em Canudos, no interior do estado da Bahia, entre os anos de 1893 e 1897, sendo um dos movimentos mais emblemáticos de nossa história. Este contexto possui particularidades político-nacionais distintas do Caldeirão e da Vila, como explicarei adiante, pois está inserido na transição do poder da monarquia para a república, mas compartilha semelhanças relacionadas ao forte coronelismo.

1.3 CANUDOS E SEU CONSELHEIRO: A guerra trágica em fotografias

O Arraial de Canudos, localizado às margens do rio Vaza-Barris, teve seu início no século XVIII, mas foi com a chegada de Antônio Conselheiro em 1893 que a pequena comunidade experimentou um crescimento exponencial, alcançando aproximadamente 25.000 habitantes, conforme apontado por Martins (1999, p. 28). Curiosamente, Conselheiro, embora situado entre colinas, denominou o local de Belo Monte. Esse aumento populacional e as mudanças na comunidade despertaram a atenção e a desconfiança do clero e dos latifundiários locais.

A mensagem religiosa de Conselheiro sobre o apocalipse e sua visão de coletividade atraíram um contingente significativo de pessoas para a região. Contudo, essa expansão e influência geraram desconforto entre a elite religiosa e os grandes proprietários de terras da área. Estes, unindo-se à Igreja, exerceram forte pressão sobre o governo republicano recém-estabelecido (a partir de 1889), buscando medidas contra Conselheiro e seus seguidores.

Rumores de supostos planos de Canudos para atacar cidades vizinhas e até mesmo a capital, com o intuito de restaurar a Monarquia derrubando o governo republicano, foram difundidos. Isso levou as forças republicanas a acusarem Antônio Conselheiro e seus seguidores de serem contrarrevolucionários monarquistas. O movimento republicano, alinhado aos interesses da elite agrária, lançou uma campanha buscando apoio nacional para reprimir Canudos, o que resultou no envio do exército para conter a comunidade, vista como uma ameaça aos interesses e à mão de obra das elites locais.

O avanço de Canudos desafiava os interesses da elite e do movimento republicano, sendo interpretado como uma afronta ao poder local. Isso culminou em quatro expedições

militares que tentaram aniquilar a comunidade. A resistência de Canudos foi marcante em todas as investidas do exército republicano, que obteve êxito apenas na quarta expedição, após inúmeras baixas, inclusive a morte de seu líder, Antonio Conselheiro. Estima-se que cerca de 20 mil sertanejos, entre homens, mulheres e crianças, tenham sido fatalmente afetados.

Durante o conflito, jornais de grande circulação como O Estado de S. Paulo, A Gazeta de Notícias, A Notícia e O Jornal do Comércio, enviaram correspondentes para o local. Os relatos da imprensa escrita foram fundamentais para a divulgação dos eventos de Canudos, justificando as ações militares e angariando apoio nacional para um conflito interno que exigia suporte e compreensão em nível nacional.

Além dos relatos impressos, fotógrafos também documentaram o conflito, tornando este um dos primeiros grandes conflitos do país a ser registrado por meio de fotografias. Jornalistas e fotógrafos renomados, como Euclides da Cunha, redator do O Estado de S. Paulo, Manuel Benício do Jornal do Comércio e Flávio de Barros, autodenominado "fotógrafo expedicionário", foram encarregados de cobrir e documentar os eventos em Canudos.

1.3.1 CANUDOS EM FOTOGRAFIAS

Foi somente após a quarta expedição, na sequência da derrota que resultou na morte do coronel Antônio Moreira César, apelidado de ‘corta-cabeças’, e da conseqüente repercussão negativa nos jornais monarquistas, que os primeiros fotógrafos foram despachados para Canudos. Entre os registros consta o nome de Juan Gutierrez, que acompanhava a quarta expedição como capitão honorário, sendo o primeiro enviado com a missão de documentar a guerra. No entanto, Gutierrez foi morto em combate em 28 de 1897, e suas fotografias, infelizmente, nunca foram encontradas nos registros (COSTA, 2017).

Outros fotógrafos relevantes nesse contexto foram Euclides da Cunha, correspondente do Estado de S. Paulo, e Flávio de Barros. As fotografias de Cunha acabaram se perdendo, enquanto as de Barros foram preservadas e atualmente fazem parte do acervo do Museu da República. A perda dessas imagens deve-se, em grande parte, à falta de tecnologia da época, que não permitia a reprodução e a circulação dessas imagens nos jornais.

Apesar dessas limitações tecnológicas na divulgação das fotografias, foram realizadas projeções elétricas da campanha, desempenhando um papel fundamental na criação de uma narrativa visual institucional do Exército, com o objetivo de estabelecer uma representação histórica do poder. No entanto, os relatos históricos sobre a guerra indicam que a situação das tropas era precária. Além dos problemas alimentares, havia também atos de insubordinação e uma sequência de derrotas. Conforme relatado por correspondentes:

[...] quer oficiais, quer soldados recebem por dia um litro de farinha para sete homens com um pedacinho de carne e um pouco de sal, de maneira que não há uma só pessoa que não se ache mais ou menos incomodada". Ao registrar cenas de soldados e oficiais durante a refeição. (BENÍCIO, 1997, p.321),

Na quarta expedição, após as derrotas sofridas, o alto comando do Exército, preocupado com a imagem dos comandantes e da própria corporação, impôs um controle rígido sobre as informações acerca da guerra. Determinaram que todas as mensagens telegráficas dos correspondentes deveriam ser previamente lidas por oficiais indicados pelo comando. Essa censura teve um impacto significativo nos relatos e no tipo de trabalho fotográfico realizado em campo.

Nas fotografias de Flávio de Barros, percebe-se uma tendência à minimização das adversidades, apresentando uma realidade diferente dos relatos sobre o cotidiano das tropas. Outro aspecto importante são os títulos de suas fotografias, nos quais Barros buscava transmitir

a ideia de ação, sugerindo que algumas delas foram capturadas no calor da batalha, conferindo maior legitimidade às imagens. Um exemplo é a fotografia intitulada “39º Batalhão de infantaria em ação”.



Ilustração nº 2: Membros do 39º Batalhão de Infantaria em ação, 1897 (Flávio de Barros/Acervo Museu da República).



Ilustração nº 3: Membros do 12º Batalhão de Infantaria na trincheira, 1897 (Flávio de Barros/Acervo)

Outras fotografias, como a intitulada “Prisão de jagunços”, apresentam a representação da captura de conselheiristas e buscam transmitir a ideia do sucesso das tropas em neutralizar os seguidores de Antônio Conselheiro. Estes tinham a fama de serem mais astutos e ágeis que os soldados, e essa imagem buscava desmentir essa percepção, evidenciando que tais habilidades não eram verídicas, apesar dos conselheiristas raramente se renderem. Essas fotografias visavam a reforçar a narrativa de vitória e controle das forças armadas sobre a resistência do arraial, contribuindo para a construção da imagem de autoridade e superioridade das tropas governamentais..



Ilustração nº 4: Prisão de jagunços conselheiristas, essa cena evidentemente se trata de uma simulação, e demonstra que a fotografia no século XIX buscava se assemelhar com o trabalho das pinturas, 1897 (Flávio de Barros/Acervo Museu da República).



Ilustração nº 5: Jagunço conselheirista prisioneiro ao lado de alguns membros do exército, ele seria degolado logo em seguida, 1897 (Flávio de Barros/Acervo Museu da República).

Barros, além das fotografias em momentos de ação, capturou ao final do conflito imagens dos destroços causados pela guerra, exibindo as ruínas da cidade e os corpos dos seguidores de Conselheiro. Essas imagens transmitiam um impacto visual profundo de devastação e controle militar. Um dos registros mais marcantes é o das crianças órfãs da guerra, retratando os filhos dos seguidores de Conselheiro que faleceram ao lado de oficiais e soldados. Esta imagem buscava destacar a aparente proteção oferecida pelo Exército aos órfãos gerados pelo conflito, tentando passar a ideia de solidariedade e amparo por parte dos militares.



Ilustração nº 6: Destroços. Nesta foto é possível constatar a dimensão da destruição causada pelo conflito, trata-se das ruínas da mais nova igreja de Belo Monte, a Igreja do Bom Jesus, 1897 (Flávio de Barros/Acervo Museu da República).



Ilustração nº 7: Cadáveres nas ruínas de Canudos, 1897 (Flávio de Barros/Acervo Museu da República).



Ilustração n° 8: Sobreviventes do conflito (apenas algumas centenas de uma população de mais de 5 mil habitações) que não foi morto pelo exército, 1897 (Flávio de Barros/Acervo Museu da República).

Barros empregou outra estratégia em suas fotografias, especificamente ao capturar imagens da infantaria. Nessas fotos, um padrão recorrente era evidente: comandantes e oficiais apareciam em primeiro plano, enquanto os soldados surgiam em segundo plano, mais distantes. Essas representações dos batalhões compunham a maior parte de seu trabalho. Esse conjunto fotográfico pode ser interpretado como uma forma de propaganda visual, assemelhando-se às pinturas históricas, com o objetivo de transmitir a grandiosidade e a imponência da instituição militar, registrando assim seus supostos 'grandes feitos'. Dessa forma, garantindo a preservação na memória histórica desses eventos significativos.



Ilustração n° 9: General Artur Oscar de Andrade Guimarães – comandante em chefe da 4ª expedição (2º à esquerda com lenço) e Estado-Maior em Canudos, 1897 (Flávio de Barros/Acervo Museu da República).



Ilustração n° 10: Oficiais do 28º Batalhão de Infantaria, 1897 (Flávio de Barros/Acervo Museu da República).

Na fotoetnografia, percebe-se uma intencionalidade narrativa na maneira como as fotografias são apresentadas. Essa forma de apresentação envolve a combinação de elementos visuais com descrições verbais, complementando-se mutuamente sem substituir um ao outro. É uma maneira de comunicar informações sobre o objeto de estudo (ACHUTT, 1997).

Conforme discutido por Gutiérrez (1995), o poder das imagens muitas vezes supera o poder das palavras, já que a imagem é interpretada individualmente por quem a observa, evocando emoções e sensações que as explicações verbais dificilmente conseguem captar. Ao analisar essas fotografias, percebe-se a construção de uma narrativa específica, destacando o fortalecimento do poder do exército republicano em relação aos rebeldes. Evidencia-se, portanto, uma clara estratégia de campanha visual, em que as fotografias enfatizam as possíveis consequências para quem se opusesse à república. Essas imagens foram exibidas em sessões quase cinematográficas, não apenas como um atrativo, mas também como uma mensagem de autoridade e controle.

1.3.2 ENTRE IMAGEM E TEXTO

Na antropologia, Etienne Samain observou a necessidade de ir além das descrições verbais ao estudar o homem. Ele argumentou sobre a importância de "mostrar", "expôr" e "tornar visível" o objeto de estudo, reconhecendo na fotografia uma ferramenta valiosa nesse processo descritivo (SAMAIN, 1995, p.25). Mesmo que as fotografias de Canudos tenham sido capturadas de uma perspectiva foto-jornalística, a essência do pensamento de Samain ressoa no uso da fotografia como parte do registro etnográfico. Durante minha pesquisa, percebi que as imagens fotográficas muitas vezes auxiliam na criação e preservação da memória coletiva associada aos eventos históricos.

[..] chegava o momento onde não bastaria “falar e discursar” em torno do homem, apenas “descrevendo-o”. Haver-se-ia de “mostrá-lo”, “expô-lo”, “torná-lo visível” para melhor conhecê-lo, sendo a objetividade de tal empreendimento não mais ameaçada pelo “visor” da câmara do que pelo “caderno de campo” do antropólogo. (SAMAIN, 1995. p.25)

Embora suas reflexões não se apliquem diretamente a Canudos, as fotografias desse contexto, capturadas sob a ótica foto-jornalística, refletem o propósito da fotografia como parte essencial do registro etnográfico. Durante minha pesquisa, percebi a contribuição significativa das imagens fotográficas na criação e preservação da memória coletiva associada aos eventos históricos.

Samain defendia que não bastaria apenas "falar e discursar" sobre o homem, mas era necessário "mostrá-lo", evidenciando assim a fotografia como uma ferramenta complementar ao caderno de campo do antropólogo. Essa visão ecoa na essência do papel da fotografia não

apenas como mero registro visual, mas como uma narrativa viva, capaz de resgatar e sustentar as memórias coletivas.

Na antropologia, a escrita é um elemento intrínseco ao trabalho do antropólogo, através do qual se desenvolveram conceitos teóricos e metodológicos baseados em narrativas. Isso reflete a maneira pela qual as experiências são comunicadas em entrevistas narrativas, e como são criadas etnografias para compreender a relação entre a 'vida vivenciada' e a 'vida narrada', bem como os dramas sociais. Contudo, outro elemento crucial na construção dessa narrativa é a fotografia. O renomado fotógrafo Mathew Brady, reconhecido pela documentação da Guerra Civil Americana, expressou que a câmera fotográfica é o 'olho da história' (HORAN, 1988).

A utilização da fotografia como meio descritivo visava testemunhar e conferir autenticidade aos fatos retratados, conforme afirmado por Roland Barthes: 'Toda fotografia é um certificado de presença. Esse certificado é o gene novo que sua invenção introduziu na família das imagens' (BARTHES, 1984, p.129). A fotografia, desde sua aparição, revela não apenas a 'realidade', mas também fragmentos dessa realidade, normalmente imperceptíveis a olho nu, mas capturados pelas lentes da câmera.

Não pretendo me aprofundar na discussão do uso da fotografia como representação social, mas sim em como ela pode ser entendida dentro do processo descritivo, pois as fotos organizadas e selecionadas guardam memórias coletivas e narrativas consigo. Nesse sentido, elas funcionam como exemplos e modelos que proclamam a natureza intrínseca da consciência imagética, capaz de narrar, assim como a escrita, não servindo apenas como ilustração, mas sim como representação. As fotografias produzidas durante o conflito, a maioria preservada no Arquivo Histórico do Museu da República, têm sido interpretadas principalmente de forma iconográfica, servindo como ilustrações em estudos sobre Canudos, mas sua análise na antropologia vai além disso.

As imagens fotográficas não devem ser consideradas como algo fixo e acabado do passado, mas sim como objetos gerados em contextos históricos específicos, no caso de Canudos, associados a um imaginário peculiar (WUNENBURGER, ARAUJO, 2007) do conflito, construído por meio de notícias e imagens da guerra. Ao trazer essas fotografias, busco uma abordagem alternativa à visão convencional, que simplesmente narraria os eventos. Pretendo estabelecer uma relação entre o aspecto visual e narrativo para demonstrar como o discurso em torno de Canudos ganhou um significado ainda mais forte através das representações fotográficas.

Em relação à Vila São Francisco e ao Beato Fernando Amorim, embora haja poucas fotografias capturadas nesse contexto, as notícias publicadas nos jornais foram bastante difundidas. Um exemplo disso foi a reportagem de Audálio Dantas no jornal 'Folha da Tarde', em 8 de outubro de 1954, que amplamente divulgou a imagem do Beato Fernando Amorim⁵, tornando-o conhecido pelo público após seu assassinato em Alagoas.

Assim, por meio da junção entre fotojornalismo, jornalismo descritivo e os conceitos de etnografia de Cunha (2004), conforme previamente exposto, examinei documentos de segunda mão que contribuíram para a construção da narrativa etnográfica. Nesse contexto, proponho agora uma análise do relato jornalístico, como parte do segundo movimento da minha pesquisa, para compreendermos melhor o movimento messiânico no Nordeste.

1.4 CALDEIRÃO DA SANTA CRUZ DO DESERTO: *terra sem males*

O contexto dos movimentos messiânicos no Nordeste do Brasil é permeado por conflitos entre violência e aspectos sagrados, conforme observado por Girard (1982). Canudos figura como um dos pontos-chave nessa narrativa, tendo sido amplamente difundido na literatura e na mídia. No entanto, para compreender a complexidade desse cenário religioso, é essencial analisar a influência do carismático Padre Cícero Romão Batista, uma figura de grande prestígio e influência sobre a vida social, política e religiosa no Ceará.

Padre Cícero desempenhou um papel fundamental na compreensão de diversos movimentos messiânicos, estabelecendo ligações significativas entre eles. Um exemplo disso é o movimento ligado ao Beato Franciscano Fernando de Amorim, objeto central desta pesquisa. De acordo com Neves (2014), os seguidores do Beato acreditavam que ele realizava curas milagrosas, o que os levou a convencer-se de que ele era a reencarnação do próprio Padre Cícero (p. 28).

É nesse contexto de conexões e influências que optei por abordar o movimento do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, também conhecido como Caldeirão dos Jesuítas, diretamente associado à figura de Padre Cícero no Juazeiro. Esse movimento messiânico teve origem nas terras do Crato, Ceará, sob a liderança de José Lourenço Gomes da Silva, popularmente conhecido como beato José Lourenço. Ele era um homem negro, filho de

⁵ Ver imagem na p. 44, no subtítulo 1.4 O HOMEM DA BATINA PRETA: Surge um novo Beato no Sertão de Alagoas

escravos alforriados, que decidiu migrar para Juazeiro do Norte, onde acabou conhecendo Padre Cícero, conquistando sua simpatia e confiança.

1.4.1 MEU PADIM CIÇO

A figura do Padre Cícero Romão Batista permanece gravada na história religiosa do Nordeste, sendo associado a muitas das manifestações religiosas devido à sua imensa popularidade. Nascido em 1844 na cidade do Crato, no Ceará, Padre Cícero deixou sua cidade natal ainda criança para buscar educação. Sua ordenação como padre ocorreu em 1870, porém, foi apenas dois anos depois que iniciou seu trabalho pastoral no distrito de Juazeiro do Norte, também no Ceará, onde exerceu um imenso impacto na comunidade, que então tinha aproximadamente 300 habitantes.

Em Juazeiro do Norte, Padre Cícero desenvolveu um trabalho pastoral intenso e inovador⁶, caracterizado por pregações, aconselhamentos e visitas domiciliares, algo sem precedentes naquela região. Essas ações rapidamente granjearam a simpatia e o respeito dos habitantes locais, elevando-o a uma posição de grande liderança na comunidade.

Para colaborar em seu trabalho pastoral, o Padre Cícero decidiu seguir o exemplo do Padre Ibiapina (1806-1883), outro notável missionário do Nordeste, recrutando mulheres solteiras e homens dedicados, incluindo entre eles José Lourenço, que mais tarde se tornaria o líder do movimento do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Essa iniciativa demonstra a capacidade de Padre Cícero de inspirar e mobilizar pessoas, gerando um impacto profundo não apenas na comunidade local, mas também em movimentos religiosos posteriores na região.

1.4.2 O DISCÍPULO

Conforme mencionado por Neves (2014), a origem de José Lourenço Gomes da Silva, conhecido como beato José Lourenço, é objeto de divergência. Há discrepâncias tanto na localização quanto na data de seu nascimento. "Para uns, o beato nasceu em 1870, outros afirmam que foi em 1872; há dúvidas se nasceu na Paraíba ou em Alagoas [...]" (NEVES, 2014, p.30). Entretanto, a maioria dos relatos converge para a afirmação de que ele nasceu na cidade de Pilões de Dentro, na Paraíba, no ano de 1872, coincidindo com o início do trabalho pastoral do Padre Cícero.

⁶ Foi nesse período que ocorreu uma das grandes seca no Nordeste brasileiro (1877-1879).

Nascido de pais que haviam sido escravizados e posteriormente alforriados (NEVES, 2014), José Lourenço fugiu de casa em sua juventude devido aos constantes maus-tratos físicos infligidos por seu pai, passando a trabalhar em diversas fazendas. Durante um período de grande seca na região, sua família partiu em direção a Juazeiro do Norte, no Ceará, que se tornara um ponto de peregrinação popular no sertão. Assim como milhares de nordestinos, seus pais se dirigiram em romaria para lá, em busca das bênçãos do Padre Cícero.

Ao retornar para casa alguns anos depois, José Lourenço descobriu que sua família havia partido, sem deixar rastros. Determinado a reencontrá-los, dirigiu-se para Juazeiro do Norte, onde encontrou o Padre Cícero e tornou-se um dos seus seguidores, um beato.

Assumindo o papel de beato, José Lourenço adotou o celibato e passou a depender de esmolas e atos de caridade. Rapidamente, ele ganhou a confiança do vigário e foi encarregado de liderar uma missão, dedicada a amparar os flagelados da região. Esse momento marcou a ascensão de José Lourenço como um discípulo proeminente do Padre Cícero, que depositou nele confiança e responsabilidade em sua missão pastoral.

1.4.3 O SÍTIO BAIXA DANTAS

Para cumprir a missão designada pelo Padre Cícero, José Lourenço arrendou terras no sítio Baixa Dantas, entre os anos de 1894 e 1895, localizado no município do Crato-CE, destinadas a acolher as pessoas enviadas pelo padre. O objetivo era proporcionar-lhes um lar e promover a prática da agricultura comunitária. A comunidade prosperou consideravelmente, até que, em 1914, Juazeiro do Norte tornou-se cenário de um conflito armado entre tropas do governador Marcos Franco Rabelo e jagunços liderados por Floro Bartolomeu.

Esse episódio, conhecido como Sedição de Juazeiro (TEÓFILO, 1969), teve a participação do Padre Cícero, que convocou seus fiéis para a defesa de Juazeiro. José Lourenço também se dirigiu para a região durante o conflito, porém, não se envolveu diretamente nos combates. Como na comunidade de Baixa Dantas havia recursos abundantes, o beato se limitou a fornecer alimentos aos jagunços que lutavam em nome de Floro Bartolomeu e do Padre Cícero.

Apesar da derrota das tropas do governo em Juazeiro, o conflito deixou marcas profundas na região. Durante esse período, o sítio Baixa Dantas foi invadido, suas estruturas e benfeitorias foram destruídas, e várias casas foram incendiadas. Ao retornar após o término dos combates, José Lourenço encontrou a comunidade devastada. No entanto, ele não se deixou

abater pela destruição. Com esforço, reorganizou a comunidade e, em pouco tempo, a prosperidade voltou a reinar no local.

Entretanto, esse desenvolvimento rápido despertou a ira dos fazendeiros locais, que estavam perdendo mão de obra, já que muitos se dirigiam à comunidade em busca de uma vida melhor. Em 1926, o coronel João de Brito, proprietário das terras, decidiu vender o sítio, expulsando o beato e seus seguidores, sem oferecer qualquer compensação pelas melhorias realizadas. Diante da recusa do novo proprietário em permitir a permanência da comunidade naquele território, o beato, sem resistência, conduziu seus seguidores para Juazeiro do Norte..

1.4.4 O CALDEIRÃO DE SANTA CRUZ DO DESERTO

Depois de serem despejados de Baixa Dantas, sem um lugar para abrigar todas aquelas pessoas que dependiam da comunidade, e reconhecendo a importância da experiência liderada por José Lourenço, Padre Cícero concedeu um sítio, de sua propriedade próxima ao Crato-CE, para um novo assentamento, conhecido como o Caldeirão dos Jesuítas. Esse novo local era "de topografia acidentada e muito pedrosa, cortada por vários grotões, sem nenhuma baixada" (GOMES, 2009, p.56).

A denominação "Caldeirão" não era apenas casual. Ela se referia a uma fenda geológica no sopé da Chapada do Araripe que servia de fonte para um lençol freático subterrâneo. Esse poço permanecia repleto de água durante todo o ano, um recurso vital para o desenvolvimento da comunidade. Mesmo em períodos de seca, o "Caldeirão" mantinha água acumulada, facilitando o cultivo de cereais e algodão (GOMES, 2009).

A comunidade do Caldeirão cresceu, assim como ocorreu em Baixa D'Antas, atraindo pessoas desamparadas pela seca e pelo forte coronelismo, sem qualquer apoio do Estado brasileiro. "O sítio acabou se transformando numa povoação próspera, com centenas de casas. Todas de taipa, madeira, barro socado e palha" (NEVES, 2014, p. 34).

A organização na comunidade funcionava no sistema de mutirão; as responsabilidades eram compartilhadas e os benefícios distribuídos de acordo com as necessidades de cada indivíduo. O local cresceu tanto que os fazendeiros se sentiram ameaçados mais uma vez, pois muitos trabalhadores preferiam estar ali, longe dos coronéis que exploravam sua mão-de-obra. Ali, encontravam uma vida de liberdade e prosperidade. Conforme Gomes expressou:

No sertão nordestino a terra não promete nada e o latifundiário, misto de político e pater família predador, retira tudo. Só resta a crença no absoluto como saída para a miséria. (GOMES, 2009, p.56).

Graças ao apoio e à influência política do Padre Cícero, a comunidade estava protegida contra as investidas dos latifundiários. Porém, em 20 de julho de 1934, a notícia do falecimento do Padre trouxe desalento. Infelizmente, a terra que pertencia a ele havia sido legada em testamento à Ordem dos Padres Salesianos. Este acontecimento marcou o início de uma série de desafios para a comunidade do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto.

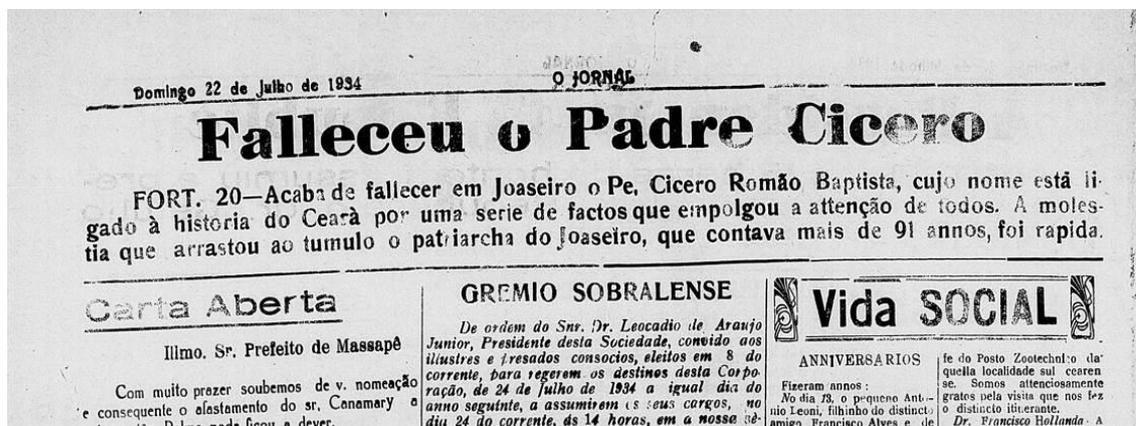


Ilustração nº 11: Recorte do Jornal “O JORNAL”, noticiando o falecimento do Pe. Cícero, em 22 de julho de 1934 (O Jornal (CE) - 1932 a 1935. Biblioteca Nacional Digital – Brasil)

O cenário do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, assemelhado ao de Canudos-BA, atraiu a antipatia dos fazendeiros locais, desencadeando uma ação das forças republicanas. No entanto, em contraste com a narrativa que justificava a ação contra o Arraial de Antônio Conselheiro, onde o perigo era supostamente representado pelos monarquistas, no Caldeirão, a ameaça era associada aos comunistas. Segundo Almeida:

[...] o Caldeirão e o seu líder começaram a aparecer nas páginas dos jornais justamente após a morte de Padre Cícero. Entende-se, pois, que o sacerdote, falecido em 20 de julho de 1934, aos 90 anos, influenciou de forma efetiva a proteção de José Lourenço e seus seguidores diante das elites dominantes e, consequentemente da imprensa. (ALMEIDA, 2011, p.14)

A imprensa desempenhou mais uma vez um papel crucial na narrativa sobre o Caldeirão e o beato José Lourenço. Segundo a historiadora, os jornais daquela época desqualificavam a experiência conduzida na região do Cariri, o que contribuiu para legitimar o uso da força contra a comunidade (ALMEIDA, 2011).

Almeida também destaca uma evidente mudança no tratamento dado à comunidade pelos jornais. Em 1934, quando Padre Cícero ainda estava vivo, o jornal O Povo, um dos principais a divulgar informações negativas sobre o Caldeirão, por meio do jornalista José Alves de Figueiredo, publicou um artigo sobre o Caldeirão que já não era desfavorável (ALMEIDA, 2011)

O Beato José Lourenço e sua Ação no Cariri

(Especial para O POVO)

O beato José Lourenço pertence ao número dos verdadeiros fanáticos do padre Cicero. E é de aqueles que vêm na figura do velho patriarca do Joazeiro alguma coisa mais do que um simples sacerdote.

Para sua mentalidade de estreitos limites, transbordada por essa figura agigantada, o padre Cicero é um santo superior a quantos os censores tenham lançado nos catálogos da Igreja e com essa aureola empolgou o seu espírito.

Sugestionado, tornado um automatismo pela concepção extra-comum que teve do beato, todos os movimentos desse homem rástico são marcados, determinados, medidos pelo velho cura-dama, tal qual uma máquina bem lubrificada que obedece facilmente aos impulsos manuais do mecânico.

SUA CHEGADA EM JANEIRO

Natural da Paraíba chegou em Joazeiro em 1890. Contando, apensas, 20 anos, quando ainda existia Maria de Araújo e o fanatismo estava no seu auge, almeçando o profeta, considerado miraculoso, por padres e médicos, da transformação da hostia consagrada em sangue, na ocasião em que essa celebre beata cingia-se. Em vez, porém, de tomar um banho e lavar o rosto, como se costumava fazer, acabou-se com um pouco de suor e chegou ao estado de insano que se lhe atribuiu.

Com esse intuito arrebatou um frecho do sítio Baixa Danta, perto de João de Brito, e ali se localizou.

UM SÍTIO EM POUCO TEMPO

Dentro de um certo lapso de tempo transformava alguns hectares de terra, até então arida e encaldrada, num belo pomar, loteando, em pleno desenvolvimento, plantados em ordem alguns milhares de laranjeiras, mangueiras, jacuiteras, limoeiras, coqueiros, limoeiros, abacateiros, mamoeiros, bananaeiras e canteiros ao lado de uma bem cuidada cultura de algodão, cereais e de outras diferentes, qualidades de plantas e hortaliças.

80 de carás o beato conseguiu reunir 18 ou 18 qualidades.

INICIANDO SUA OBRA

Com a fama de sua prosperidade e do seu inesgotável espírito de caridade, sua moradia começou a cercar-se de numerosas famílias pobres e a encher-se de filhos o seu próprio lar, começando ele a gastar, com raro despendimento, o produto do seu ingente, esforço com essa gente que passou a constituir, sua família.

Durante alguns lustros viveu ali serenamente em Baixa Danta, sem ser

Incomodado, nesse derrame humanitário de benefícios.

Na revolução de 1914, recolheu-se ao Joazeiro e, embora estivesse disposto a morrer pelo padre Cicero, não chegou a tomar parte na luta, porque, dotado de um coração sensibílissimo, não deseja, de forma alguma, ofender ao próximo.

Sofreu grandes prejuízos de suas lavouras, sendo uma parte das mesmas destruídas.

Serenado o movimento, ele retomou o fio de suas obrigações, procurando indenizar-se, pelo trabalho, dos danos causados na sua propriedade. E com relativa pressa fez tudo.

A LENDA DO BOI SANTO

Quando o beato se achava bem instalado em Baixa Danta, o padre Cicero lhe entregou um burlão de ração com que foi apresentado ao Sr. José Lourenço, um espírito me todico e activo, que tratava o seu cavalo, o seu cão, o seu gato, os seus passáros, e, finalmente, tudo que lhe pertence, com um grande zelo, era natural que empregasse um excesso de cuidado no tratamento de um animal de estimação do padre Cicero. Preparou, pois, um estabulo modelo para o touro e empregou várias pessoas para de cuidar dele.

Em breve tempo aquele beato especimem de "Grandes" se tornara de uma beleza rara, sendo admirado por todos que o viam.

Familiosos mais exagerados, supunam que esse animal era o filho do padre Cicero, cativavam os filhos de "Mansinho" com criminalidade, e os filhos de entre essa gente bronca quem lhe fizesse oblatas e bebesse-lhe a urina como remédio eficaz para diversos males.

Nesse tempo Joazeiro sofria uma tenaz campanha da imprensa, suscitada, em parte, pela interferência do dr. Floro Bartolomeu na politica do Estado e em parte pela ausência de escrúpulos de alguns jornalistas que visavam assaltar o bolso do padre Cicero.

A lenda do boi santo foi trazida à tala, com os naturais retoques que os pescadores de escândalos fazem para conta, sendo José Lourenço apontado, falsamente, como estimulador de um grosseiro fetichismo.

COMEÇAM AS PERSEGUIÇÕES

O dr. Floro tinha conseguido, habitualmente, dominar o padre Cicero, trazendo o Joazeiro fechado na mão, mas era dotado de um espírito franco e, premido pela imprensa que o aterrorizava, procurou ensinar uma vez, a Chancelaria, como verdadeiras as acusações contra José Lourenço, mandou prendê-lo, conduzindo-o para Joazeiro em companhia do boi, sendo este espartilhado publicamente e aquele encarcerado no beato, obrigado a comer da carne do seu querido "Mansinho", sofrendo humilhações sem conta.

UMA DESGRACA NUNCA VEM DESACOMPANHADA

Sempre as injustiças da vida? O beato, interrompia a sua faina honesta e utilissima para pagar culpas que eram suas daquelas que o seguem, enquanto nas grades da cadeia vinham chapeadas pelo gozando plena liberdade, os pobres bandidos e ladrões que infestavam o Nordeste naquele tempo.

Sóto voltou para Baixa Danta, e acabou o seu labor, como se nada lhe tivesse acontecido e não guardava o mais leve ressentimento do seu perseguidor.

UMA DESGRACA NUNCA VEM DESACOMPANHADA

O sr. João de Brito, proprietário do terreno beneficiado pelo beato, teve necessidade de o comprar e o comprador exigiu a entrega, imediatamente, de toda a taxa ocu-

pada pelas lavras de Joze Lourenço.

Dando prova de um espírito ordeiro e de grande desprendimento, ele perdeu todo o seu trabalho, sem grande queixa, e se retirou para o lugar Caldeirão dos Padres, propriedade do padre Cicero, a qual ficava situada entre os sítios Lagoa e Cruzinha. Foi isto em 1929.

RECOMENDANDO Caldeirão é um lugar de topografia acidentada e muito pedregoso, cortado por vários grotos, sem nenhuma baixada, mas odo de terrenos ótimos para plantações de cereais e algodão.

Era um deserto, sem nenhuma benfeitoria.

O laborioso agricultor edificou sua casa, um engenho de madeira, feições, cortou as de mato a pique, sentou sólidos cancelos e iniciou plantações, como fizera em Baixa Danta. Ao mesmo tempo diversos outros cuzinhas se levantavam em derredor de sua residência e rapidamente o deserto se transformou em um arrabalde.

Hoje, Caldeirão é uma linda propriedade, com um bom núcleo de população, trabalhadora e obediente ao beato, que a orienta para a bem, dentro da mais rigorosa ordem.

All não se vê arma, além das destinadas ao trabalho: machado, foice, etc.

Dois grandes aqudes se ostentam, um no riocho do Escandido e outro no fincho de Caldeirão, medindo a parede deste 26 braças de comprimento, 18 1/2 de altura e 13 de largura. Formam ambas obra do esforço pessoal do beato, auxiliado, apenas, por algumas mãos de braços.

MAIS INJUSTIÇAS

Mai compreendendo os seus melhores, muitos sem saber defender-se quando acusado, o beato José Lourenço tem sofrido grandes injustiças, sendo perseguido muitas vezes, como perigosas a ordem.

ADMISSIVEL

O beato José Lourenço sustentou durante os 23 meses da seca última, além do pessoal que com esse vive de ordinário e a que já se referi, mais de 500 pessoas que, recorreram a sua munificente ação.

Para levar a cabo essa tarefa de um filantropismo tão fora do comum, de uma tão invulgar benevolência, ele gastou grandes despesas de cereais que tinha em Caldeirão e toda a farinha produzida em 690 toneladas de mandioca de sua cultura na Serra do Araripe, a qual, vendida ao preço que logrou, daria uma bela fortuna.

Fornecia uma única refeição diária, mas sómente nesse jantar eram empregadas as quantias de farinha, ou sejam 400 litros.

Quem seria capaz, em nosso meio, de um tão desusado, tão estúpido gesto de caridade?

A disciplina espiritual que se submeteu, por uma estupenda força que osse sobre os seus insensatos, sofreu todas as mais fortes vibrações da carne, tornando-o puritano.

endo sob sua prote-

ção cerca de 200 pessoas, que ele veste e alimenta, sua casa é uma colmeia. Homens velhos, mocos, brancos e pretos, mulheres moças e velhas, ao se aproximarem do beato José Lourenço, se descobrem, com grande respeito, ajoelham-se a seus pés e beijam-lhe as mãos.

Essa veneração poderia ser inspirada por um forte poder de fascinação que esse homem, possivelmente, tivesse. Mas, se fosse verdadeira a influência aludida, tal respeito já teria perdido o seu domínio, porque o poder fascinador que o alimentasse, se neutralizaria ante uma força maior: o desamparamento dos maridos enganados e dos pais cujas filhas fossem conspurcadas. A sua obra benemerita, desfigurada, por certo, ha muito teria desaparecido, como tudo que se apoia em bases falsas.

NOVAS PROVAÇÕES

A revolução de 1930 trouxe novas perseguições ao beato, que foi apontado aos revolucionários, por despeitados, como sendo um elemento pernicioso. Fugindo as tropas que o tentavam prender, ele abandonou todo o seu trabalho com o seu pessoal, procurando asilo em lugar seguro.

Quando os próprios revolucionários se convenceram da improcedencia das acusações e o abandonaram, ele voltou aos seus domínios e, com a sua admirável resignação, reuniu a gente e a companhia e reconstruiu tudo.

IMPEDICENTE

Outra acusação que lhe tem feito frequentes vezes é a de auditar o culto, misturando-o com práticas folclóricas.

E, outro alívio que, em boa da verdade, precisa ser destruído.

ORIGEM DO NOME

Caldeirão dos Jesuítas tira seu nome do fato de haver ali um grande caldeirão de pedra que conserva água durante os grandes secas, e de terem vivido ocultos ali, em épocas passadas, dois jesuítas, ignora os seus nomes, mas coincidência o seu aparecimento naquelle lugar com a expulsão da companhia de Jesus de Portugal, acredita-se tratar-se de perseguidos de Marques de Pombal que vieram ter aqúele recanto ignorado do mundo.

OUTRAS NOTAS

O beato José Lourenço, conforme já disse em começo deste trabalho, é natural da Paraíba. E' de cor preta, Conta 64 anos de idade, mas é forte e desem-

A sua carapinha esta ainda completamente preta, apresentando, apenas, anedecidas, algumas farrigas da barba, espalhadas pelo rosto liso e lúcido, como o de um jovem.

Vive, de continuo, no trabalho pesado, em companhia dos seus homens, só repousando à noite, quando se entrega ás suas orações.

ESPEROU PELAS ORDENS

Quando o visitei em começo de fevereiro, encontrei-o preparando terras para fazer as primeiras plantações.

Achei tardo aquele serviço, em vista dos nossos invernos estarem sendo muito curtos, raramente atingindo ao meio de maio. Ele justificou-se dizendo que somente naquela época havia recebido ordens do padre Cicero para iniciar aquele trabalho.

SEM DEMONSTRAR

mais verdadeira, respondendo que se retiraria no momento em que lhe fizessem essa imposição, cumprindo-lhe, apenas, procurar outro terreno, para continuar o seu trabalho de novo com o seu pessoal. E acrescentou: —"E' do meu dever trabalhar para o meu próximo, já que para mim não há mais preço, se não da recompensa que Deus me queira dar."

SEM DEMONSTRAR

Quando eu me achava em Baixa Danta, em companhia do beato José Lourenço, fui informado de que o Sr. João de Brito, proprietário do terreno beneficiado pelo beato, teve necessidade de o comprar e o comprador exigiu a entrega, imediatamente, de toda a taxa ocu-

SEM DEMONSTRAR

Quando eu me achava em Baixa Danta, em companhia do beato José Lourenço, fui informado de que o Sr. João de Brito, proprietário do terreno beneficiado pelo beato, teve necessidade de o comprar e o comprador exigiu a entrega, imediatamente, de toda a taxa ocu-

O Pão é um Alimento que dá Fôrça!

Bom e saboroso Pão só se faz com Farinha boa

Bóas Farinhas são



DO MOINHO FLUMINENSE S/A

Agentes e Depositários no Ceará:

STEINER & CIA

End. Teleg. STEINER—Caixa postal, 175

Rua Barão de Rio Branco, 893—FORTALEZA

Ilustração nº 12: Jornal "O POVO" de 7 de junho 1934. Falando sobre o Beato José Lourenço. (O Povo (CE) - 1934 a 1937. Biblioteca Nacional Digital - Brasil)

Essa oscilação no tom das notícias sobre o Caldeirão de Santa Cruz do Deserto reflete a dinâmica volátil e influenciada por diferentes visões políticas e ideológicas que permeavam o cenário jornalístico da época. O jornal O POVO, ao apresentar uma variação de discursos sobre José Lourenço, evidencia como a cobertura midiática era suscetível a mudanças abruptas e manipulações conforme os interesses vigentes.

Na antropologia, a análise da mídia e das narrativas jornalísticas pode ser abordada a partir de diferentes perspectivas teóricas. Uma delas é a compreensão da cultura e da representação, investigando como a mídia retratava José Lourenço e o Caldeirão em momentos distintos. Isso permite examinar como as representações culturais eram construídas e transformadas na sociedade da época, influenciando as percepções coletivas sobre o movimento messiânico.

Além disso, é possível explorar as dinâmicas de poder por trás das mudanças na narrativa jornalística. Isso envolve investigar quem detinha o controle sobre a imprensa e como essa influência moldou a maneira como o Caldeirão foi retratado na mídia. Essa abordagem permite entender melhor as relações de poder e controle que permeavam as narrativas midiáticas da época.

Outro ponto relevante seria analisar como as diferentes narrativas midiáticas influenciaram a construção da identidade dos membros do Caldeirão e como isso afetou as relações sociais e os conflitos com o establishment local. Isso pode revelar como as representações na mídia impactaram a identidade coletiva dos membros da comunidade, assim como as tensões e os embates sociais resultantes dessas representações divergentes.

Essa inconsistência na narrativa jornalística revela as complexidades da cobertura midiática, onde diferentes perspectivas e interesses podem moldar a maneira como certos eventos ou figuras são retratados, mesmo em um mesmo veículo de comunicação. A análise antropológica desse fenômeno oferece insights valiosos sobre as relações de poder, identidade cultural e dinâmicas sociais presentes na construção e na manipulação das narrativas midiáticas.

Neste contexto, as ideias de Claude Lévi-Strauss (1989) sobre a estrutura dos mitos e narrativas culturais, pode contribuir para analisar como as narrativas midiáticas foram construídas e organizadas dentro do contexto cultural da época, evidenciando os padrões subjacentes na representação do movimento messiânico.

Além disso, a noção de "interpretação densa" de Clifford Geertz (1989) pode oferecer uma visão mais profunda das nuances culturais e simbólicas presentes nas reportagens jornalísticas sobre o Caldeirão. Essa abordagem enfatiza a importância de compreender as

camadas de significado cultural por trás das práticas sociais, auxiliando na análise da construção da narrativa midiática e seu impacto na percepção coletiva.

Já Victor Turner (1974), por meio de suas teorias sobre os "rituais de passagem", foca nas transformações sociais e nas mudanças de status. Sua perspectiva pode ser aplicada para examinar como as transformações na narrativa midiática do Caldeirão refletiram mudanças na percepção social do movimento, desde a transição das representações de "fanáticos" para "malandros" até a oscilação na visão da imprensa em relação ao beato José Lourenço.

Tais referências teóricas proporciona uma análise mais abrangente e contextualizada sobre a construção das narrativas midiáticas em torno do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, evidenciando a influência cultural, simbólica e social na apresentação dessas representações pela imprensa da época.

- OS FANATICOS - do Caldeirão

Antônio de Alcântara Machado

Dois malandros do Ceará, José Lourenço e Severino, andam explorando no vale do Cariri a memória do padre Cicero. Mas, explorando inteligentemente, de um modo que representa sem dúvida um notavel progresso sobre os processos até hoje adotados no sertão nordestino para fanatizar os coitados alucinados pela seca. Os fieis que eles atraem invocando o padrinho são obrigados ao trabalho. Não se limitam a rezar, construir igrejas, venerar os beatos, preparar o espirito para a bemaventurança eterna. São fanaticos, não resta dúvida. Mas fanaticos que lavram a terra plantando cana e arroz. Severino alicia no suldo Ceará e Estados vizinhos o pessoal que José Lourenço dirige na lavoura do sitio Caldeirão. Osromeiros se transformam em colonos e como colonos labutando de sol a sol é que salvam a alma. Ali as mãos não servem só para bater no peito: criam calos na enxada, valorizam a terra, semeando e colhendo abrem o caminho do céu que a eloquencia de José Lourenço com certeza descreve bem diferente do Caldeirão, sem trabalho, sem sol, todo sombra e repouso. O sitio naturalmente prospera. Na propriedade serrana, que a seca não atinge, as safras são cada vez mais vastas e mais compensadoras. Os dois socios fanatizados de taumaturgos enriquecem. E na imprensa já surgem protestos indignados contra essa nunca dantes imaginada exploração do trabalho pela astucia, que tambem é um capital, como ninguem ignora. E que capital.

Exploração que a mim entretanto não é de todo antipatica. Porque (como já disse) representa um progresso. E não deixa de ter a sua utilidade. Os

fanaticos que a labia de José Lourenço e Severino atrai para o sitio Caldeirão são empregados no cultivo da terra Para lucro exclusivo dos dois pandegos? Não. Pensando bem, não. Para lucro da terra e dâles próprios tambem. Da terra que se cobre de cana de assucar e arroz. Dâles fanaticos que afinal de contas recebem uma lição de trabalho. Não se embrutecem na ociosidade e na credice. De qualquer lómma são uteis no seu fanatismo. Ganham com o próprio suor o pão alheio mas terminada a romaria não deixam no Caldeirão apenas uma capela como testemunho de sua religiosidade grosseira. Deixam tambem um campo cultivado como demonstração de seu trabalho. Se de um lado contribuem para a prosperidade criminoso de dois canalhas, de outro cooperam para a riqueza de um pedaço de terra até então abandonado. E talvez regressem para suas casas curados do mal da credice. Como José Lourenço não é nenhum Antônio Conselheiro, não se limita a receber a veneração e fomentar o misticismo analfabeto dos fieis, mas exige dâles uma devoção em trabalho. lhes impõe uma penitencia de tantas horas de enxada, é bem possivel que acabem por descreer de iluminados e beatos. Pensando que para ganhar desse jeito a gloria eterna não é preciso abandonar o pedaço de chão em que nasceram. Trabalhar por trabalhar, o melhor é trabalhar para proveito próprio. Cada um por si e o padre Cicero por todos. José Lourenço e Severino talvez estejam desmoralizando no Cariri a profissão de beato. E' um serviço que o Nordeste lhes fica devendo.

(Do «Diario da Noite»)



«Selo da economia»

E' mais agradável possuir
um objeto gratuitamente do
que adquiri-lo mediante dinheiro

558-8 10

Após o falecimento do Padre, lideranças como coronéis, latifundiários e representantes do Governo do Ceará, juntamente com a Diocese do Crato-CE, se reuniram em 1936 com o intuito de articular uma ação contra o crescimento da influência do Caldeirão. Desta reunião, resultou o envio de tropas, lideradas pelo Capitão José Bezerra, com o propósito de reprimir e eliminar os membros do movimento (ALMEIDA, 2011).

As tropas invadiram, saquearam e incendiaram as casas construídas no Caldeirão. Diferentemente do episódio de Canudos-BA, não houve resistência armada por parte dos membros do movimento, e o líder religioso, Zé Lourenço, conseguiu escapar ileso. No entanto, em 1937, alguns sobreviventes do ataque inicial, descontentes com a estratégia de resistência não armada preconizada pelo líder religioso, decidiram invadir a cidade do Crato-CE.

Diante dessa situação, o Capitão José Bezerra organizou uma marcha em direção à Serra do Araripe com seus homens. Isso resultou em um confronto armado no qual o Capitão, seu filho, genro e vários outros soldados foram mortos. Após esse embate, o Caldeirão tornou-se um tema frequente na imprensa de 1937. Veículos como O Povo, O Estado e O Nordeste retrataram o confronto como um ataque ao exército.

O Beato do «Caldeirão»

Com Vistas ao Governo e ao Sr. Chefe de Polícia

A propósito da recente atitude da polícia cearense contra os domínios do «beato» José Lourenço, no município de Crato, queremos chamar a atenção do governo para certos fatos que se estão desenrolando no sítio «Caldeirão», onde morava o velho discípulo do Padre Cicero, e que talvez escapem ao conhecimento das autoridades superiores do Estado.

Como sabe o público, desde que a polícia se insurgiu contra o «beato», pondo termo à vida estranha que o mesmo levava naquele sítio, estacionou ali um destacamento, incumbido de manter a ordem e não permitir, certamente, a reorganização do centro de fanatismo e retardamento social que as autoridades cearenses vislumbraram no pacato município.

Entretanto, segundo informações que nos têm sido enviadas, o destacamento em apreço está pondo em «leilão» todos os pertences de José Lourenço. Algodão, amais, utensílios domésticos, tudo, enfim, é vendido, sem a menor formalidade legal, ao mesmo tempo em que se destroem casas e se impõe a mudança de domicílio de seus habitantes.

Por mais elogiável que pareça o gesto da polícia, na investida que levou a efeito, não lhe assiste, entretanto, o direito de dispor dos bens do «beato» e de seus seqüizes, os quais são devidamente assegurados pelas leis do país.

Acreditando, pois, que o governo é alheio a tais ocorrências, a quem deixamos registada a **nossa estranheza em tor do das mesmas, na expectativa de que será emprestada ao caso uma orientação diversa, consentânea com os postulados do Direito e da Justiça.**

..

Ainda sobre os sucessos de «Caldeirão», lemos no «Correio Paulistano» a seguinte crônica, que transcrevemos a título de curiosidade:

“O ERRO DO BEATO”

No sul do Ceará, em Caldeirão, o beato José Lourenço instalou seu santuário.

Principiou dando notícia de alguns milagres

de pouca monta.

Curas. Adivinhações. Conversas com santo. A sua fama, foi crescendo. Em pouco tempo, ela já era tão grande como o “deficit” orçamentário.

De longe, acorria gente que ia pedir uma graça ao beato José.

O seu nome transpuzera já os limites de seu Estado, invadindo os sertões nordestinos.

Em torno de José se aglomerou uma população de fanaticos.

A sua vida se tornou venturosa como a de um revolucionario de 50.

O “beato” José Lourenço exercia na localidade de Caldeirão completa autonomia e era a única autoridade obedecida pelos componentes daquele agrupamento: casava, batizava e ditava as leis que eram cegamente obedecidas, entregando-lhes os fanaticos os proprios haveres. O beato possuía um harem composto de 16 mulheres jovens e formosas. A sua mesa era farta e as bebidas finas não lhe faltavam.

Mas o “beato” deu de jogar as cristas com o governo. Ultimamente, afirmam as noticias, o “beato” José fazia observações nada simpaticas ao sr. Getúlio Vargas. E, vai daí, a ruína de José. Que fizesse milagres, vá.

Que formasse fanaticos, compreende-se. Que explorasse a credencia sertaneja, tolera-se.

Mas meter-se em politica contra o governo, isso nunca.

Uma numerosa força foi armada. O ataque aos domínios de José procedeu-se de surpresa. O “beato”, auxiliado por sua gente, escapou. Mas o exemplo ficou para outros santos que forem aparecendo por estes Brasis afora...”

Dr. Raimundo Porfírio Sampaio

Clínica médica, Partos, Doenças das senhoras, Sífilis e cirurgia geral.

Consultas das 9 às 11 e 14 às 16 horas.

Consultório Farmácia Santo Antônio, Praça do Ferreira, 625.

Residência D. Tereza, 1162. (Praça S. Sebastião)

Não haverá Retreta

Ilustração nº 14: Jornal O POVO, de 30 de novembro 1936, citando a invasão das forças do governo. (O Povo (CE) - 1934 a 1937. Biblioteca Nacional Digital - Brasil)

A ilustração nº 14 da notícia apresenta dois aspectos marcantes e dignos de reflexão. O primeiro, dirigido ao governador, relata a situação crítica do sítio Caldeirão após a intervenção policial liderada pelo Capitão José Bezerra. A presença de um destacamento visava manter a ordem e impedir a reorganização da comunidade, mas, para espanto do colunista, esse mesmo grupo, anteriormente elogiado, estava cometendo atos ilegais. Estavam, na visão do colunista, agindo fora da lei ao realizar um verdadeiro saque, leiloando bens do Beato e de seu grupo de seguidores, como algodão, animais e utensílios domésticos.

O segundo ponto, intitulado "O ERRO DO BEATO", faz menção a uma crônica publicada no jornal "Correio Paulistano". Este trecho relata como José Lourenço instalou seu santuário no sul do Ceará, onde se atribuíam milagres de cura e adivinhação. Contudo, a crônica adota um tom jocoso, fazendo piadas sobre o número de seguidores do Beato, comparando-o ao 'déficit' orçamentário, além de insinuações sobre a vida pessoal do líder religioso. Tudo parecia estar bem até que o Beato se envolveu em questões políticas, o que, segundo o autor da crônica, foi um erro grave. Criticar o governo de Vargas foi, segundo a crônica, o fator determinante para a ruína do Beato.

É intrigante notar a mudança de tom do jornal O POVO, que, no mesmo ano em que instigou a invasão ao Caldeirão, acusando o Beato de enriquecer às custas do trabalho alheio, agora manifestava indignação pelo fato de o direito aos bens não ter sido concedido ao Beato, sendo estes apropriados pela polícia. Além disso, a crônica veiculada no jornal "Correio Paulistano" acusava o governo de Getúlio Vargas de atitudes ditatoriais, sugerindo que a real invasão ao Caldeirão não ocorreu devido à exploração de mão de obra, como inicialmente acusado pelo O POVO, mas sim como retaliação às críticas políticas, apesar de estas serem, possivelmente, apenas boatos.

A ilustração nº 15, a capa do jornal datada de 11 de maio de 1937, destaca o confronto entre a polícia e o grupo de "fanáticos", resultando na derrota das forças policiais e na morte do Capitão, juntamente com seus homens. Esta edição, não se limitou à capa, reservando uma página inteira ao fato. O artigo inicia com breves parágrafos sobre o conflito e depois se desdobra em onze subtítulos, detalhando desde as providências oficiais até o estado dos feridos e o número de mulheres presas.

Essa série de reportagens revela a transição de posicionamento do jornal O POVO em relação ao Caldeirão e ao Beato. No entanto, as razões que motivaram essas mudanças permanecem nebulosas. De acordo com a pesquisa de Almeida, o jornalista José Alves de

Figueiredo foi o único a escrever um artigo favorável ao Caldeirão. No entanto, por expressar ideais favoráveis ao Beato, Figueiredo foi perseguido e preso (ALMEIDA, 2011, p.14).

A intensa campanha midiática contra o Caldeirão acabou desencadeando o bombardeio da Força Aérea Brasileira (FAB) sobre a Serra do Araripe, resultando em inúmeras mortes. O Beato José Lourenço, que já havia deixado o sítio, faleceu em Pernambuco em 12 de fevereiro de 1946, vítima de peste bubônica.

José Lourenço e seus seguidores representam um exemplo significativo de movimento messiânico, de acordo com as ideias levantadas por Queiroz (2003), para quem o messianismo representa uma resposta às precárias condições de vida de um segmento da classe de trabalhadores rurais que transitava de um sistema de servidão para um de cooperação (NEVES, 2014).

A disposição dos recortes de jornais, ocupando praticamente uma página, visa permitir que o leitor analise diretamente a matéria, entendendo melhor o contexto e os discursos produzidos sobre o movimento. No próximo capítulo, que focará exclusivamente no Beato e na Vila de São Francisco, serão apresentados dados sobre os relatos veiculados nos jornais da época e sua ligação com a memória coletiva, bem como evidências provenientes dos meus interlocutores no campo de pesquisa, visando identificar a influência desses relatos.

Essa abordagem permite ligar Canudos-BA e Caldeirão-PB à Vila de São Francisco-AL, não apenas em termos de regionalidade, religiosidade e messianismo, mas também oferece um olhar sobre a memória coletiva, já que a disseminação de notícias pode afetar a percepção do evento. O próximo capítulo iniciará a etnografia com base nos dados obtidos no campo de pesquisa, explorando as conexões entre esses eventos e a memória coletiva.

CAPITULO II

TERRA QUE EMANA LEITE E CUSCUZ!

A Vila São Francisco e o Beato Franciscano

Neste capítulo, meu objetivo é explorar profundamente a formação da Vila São Francisco e o papel crucial exercido pelo Beato Franciscano, líder do povo que encontrou nessa localidade um novo lar. A história de migração realizada pelo Beato e seus seguidores, partindo do Sertão de Alagoas (Batalha-AL) para Serra Grande, no município de Quebrangulo-AL, no Agreste, é um evento significativo que ressoa com a saga dos Hebreus narrada no livro de Êxodo na Bíblia. É dessa analogia que surge o título deste capítulo, "terra que emana leite e cuscuз", fazendo alusão à promessa bíblica da "terra prometida", onde se esperava que jorrassem leite e mel, simbolizando tempos de paz e prosperidade para o povo. O elemento religioso, fundamental na jornada daqueles que começaram um novo povoamento sob a liderança de Antônio Amorim, eleito pelo povo como Beato, é essencial para compreender essa relação entre a narrativa bíblica e a migração liderada por ele.

Enxergo a Vila São Francisco como uma terra que emerge a partir de uma esperança fervorosa em uma vida melhor, marcada pela promessa de prosperidade. Centenas de fiéis deixaram o Sertão rumo ao Agreste, seguindo o Beato Fernando de Amorim, em busca dessa promessa de um novo lar, baseados na crença de que ali encontrariam um caminho para uma existência mais próspera e harmoniosa (BLOCH, 2006).

A construção deste capítulo se baseia na abordagem metodológica etnográfica (Malinowski, 1978) e na história oral (Alberti, 1989). Busco relatar a história da Vila por meio de documentos e relatos orais de memórias coletadas no campo, combinados com a análise de arquivos como jornais e obras acadêmicas. Este método contribui para a construção de uma narrativa que une passado e presente, considerando a Vila São Francisco como uma memória viva e dinâmica (Le Goff, 2003; Nora, 1993; Halbwachs, 1990).

Para responder às questões centrais sobre a história da Vila, dividi este capítulo em quatro partes distintas:

1. **A VILA SÃO FRANCISCO: Território e História:** Nesta seção, examino a fundação da Vila, destacando a geografia, a demografia e os eventos históricos que influenciaram a formação desse território.
2. **O BEATO BENFEITOR: Projetos e Ações do Beato:** Aqui, explorarei os feitos, objetivos e influência do Beato Franciscano na consolidação da Vila São Francisco.

3. **TUDO TEM UM PREÇO: O Apadrinhamento e as Relações Políticas:** Esta parte abordará as relações políticas estabelecidas pelo Beato, seu apoio e a forma como ele se relacionava com as estruturas de poder locais.
4. **QUANDO O PREÇO É CARO DEMAIS: O Assassinato e suas Consequências:** Nesta seção, será discutido o evento trágico que marcou o fim da trajetória do Beato, além de suas repercussões na Vila São Francisco e nas comunidades ao redor.

Cada parte tem como objetivo oferecer uma visão aprofundada e holística da Vila São Francisco e do Beato Franciscano, enriquecendo a compreensão de como esses elementos influenciaram e foram influenciados pela história e pela memória coletiva do local.

2.1 A VILA SÃO FRANCISCO: “território e história”

Neste subtítulo, meu foco está na narrativa da fundação da Vila São Francisco, um processo desafiador de reconstrução histórica, especialmente porque optei por abordar essa história por meio de relatos orais e documentos oficiais, como os publicados em jornais e produções acadêmicas. Ao utilizar o método da etnografia e da história oral, duas áreas que, apesar de distintas, estabelecem um diálogo produtivo, baseio-me no caminho apresentado por Alba Bensa (1998) em seu artigo "Da Micro-história a uma Antropologia Crítica". Este caminho proposto estabelece uma relação entre a etnografia e a história, algo exemplificado por Carlo Ginzburg em "O Queijo e os Vermes: As Ideias de um Moleiro Perseguido pela Inquisição". Esse trabalho de Ginzburg é um exemplo valioso de análise descritiva do cotidiano na história, o qual poderia ser considerado como dados etnográficos, carregando consigo uma série de reflexões sobre as quais não abordarei neste momento.

Essa escolha metodológica permite a intersecção entre diferentes disciplinas, possibilitando uma abordagem mais ampla e aprofundada na compreensão da formação da Vila São Francisco. Ao recorrer aos relatos orais, pretendo trazer à tona a perspectiva das pessoas envolvidas na fundação da vila, resgatando suas memórias e experiências pessoais. Paralelamente, os documentos oficiais, como os registros jornalísticos e acadêmicos, oferecem uma visão mais objetiva e contextualizada, auxiliando na reconstrução da história da Vila São Francisco a partir de diferentes ângulos.

É nesse cruzamento entre a etnografia e a história, entre as narrativas individuais e a visão mais abrangente oferecida pelos registros oficiais, que busco tecer uma narrativa coesa e rica em detalhes sobre os primórdios da Vila São Francisco. Esse processo demanda uma

cuidadosa análise das fontes e um esforço para compreender as nuances e complexidades presentes nos relatos pessoais e nos registros históricos, garantindo uma abordagem mais completa e plural da história desse local.

2.1.1 LOCALIZANDO: A Vila São Francisco nos dias atuais

A Vila São Francisco encontra-se situada na região limítrofe entre os municípios de Quebrangulo-AL e Paulo Jacinto-AL, às margens do rio Paraíba, na zona da mata alagoana, a aproximadamente 100 km do centro da cidade de Maceió, capital de Alagoas. Devido à sua localização fronteiriça, a administração e responsabilidades da vila são compartilhadas entre esses dois municípios.

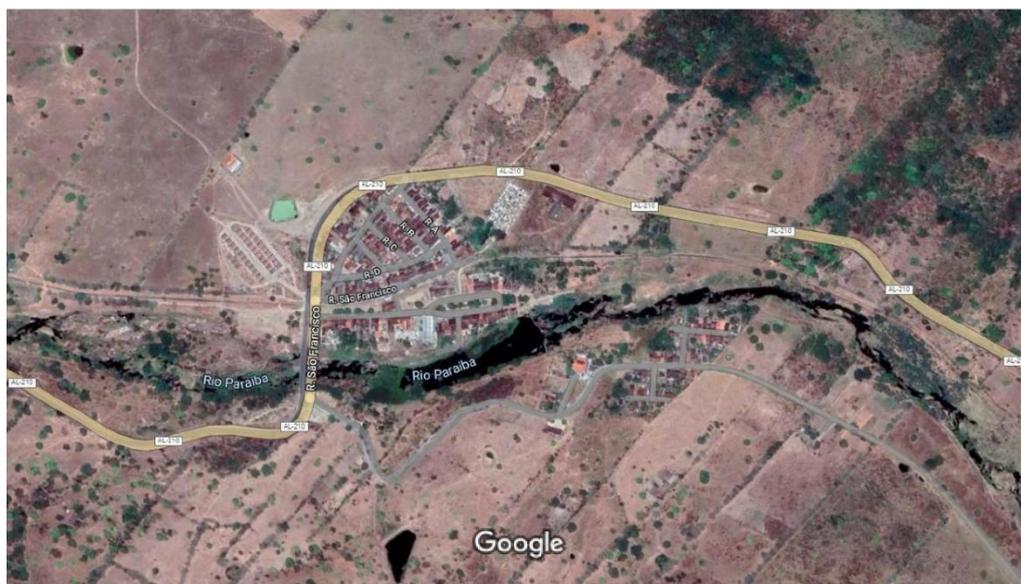


Ilustração nº 16: Fotografia de satélite da Vila São Francisco. (Google. 2022. Vila São Francisco. 100m. Google Maps. encurtador.com.br/uFGO5)

Na imagem acima é possível ter uma melhor visão sobre a atual configuração da Vila e de suas ruas. O município de Quebrangulo, estando a noroeste, administra a parte sul/sudeste da Vila, onde fica localizada a Rua São Francisco, principal rua e via de acesso, além de um conjunto de casas recém construídas, que fica do lado esquerdo da AL-210, no sentido contrário a Quebrangulo. Já Paulo Jacinto, município que está a leste, administra a parte norte/nordeste da Vila, a partir da Rua D, juntamente com as ruas A, B e C, sendo assim o responsável pela maior parte da Vila.

Ilustração nº 17: Placa de concreto da Prefeitura de Quebrangulo, instalada no acesso principal da AL-210 para Vila, na Rua São Francisco. (acervo do autor, 08/01/2022).



Ilustração nº 18: Mureta com pintura da Prefeitura de Paulo Jacinto, situada no acesso da AL-210 para Rua D (acervo do autor, 08/01/2022).

Na ilustração acima, é perceptível a demarcação delimitada pelas prefeituras de Quebrangulo e Paulo Jacinto, evidenciada por diferentes sinalizações. A placa de Quebrangulo, situada na entrada principal, é mais antiga, formal e central, sugerindo que a Vila esteja subordinada a esse município. Em contraste, a pintura mais recente representando Paulo Jacinto parece funcionar como uma espécie de propaganda, levantando questionamentos sobre sua presença ali, especialmente quando comparada à marcação estabelecida por Quebrangulo.

Essa divisão administrativa tem suscitado uma série de dificuldades para os habitantes locais, que frequentemente enfrentam problemas decorrentes da ambiguidade administrativa. Muitos residentes reclamam que as prefeituras dos dois municípios se esquivam das responsabilidades, transferindo questões e problemas da Vila de uma para a outra. Em relato, o reitor Mário, frei responsável pelo Santuário de São Francisco na rua principal, expressou:

É terrível conseguir alguma ajuda da Prefeitura de Quebrangulo, pois sempre que pedimos ajuda eles falam que isso é com a Prefeitura de Paulo Jacinto e lá falam a mesma coisa, ficam nesse jogo e ninguém faz nada! (Diário de campo 1, 01/08/2018).

Esta situação evidencia um cenário de ineficiência na resolução de problemas locais, no qual a burocracia e a falta de cooperação entre os municípios acabam prejudicando os moradores da Vila São Francisco.

Seu Elias, ‘nascido e criado’ em Paulo Jacinto, há mais de 73 anos, contou que a Vila é alvo de disputa dos dois municípios, pois os dois estão interessados no número de habitantes ali residentes, seja para angariar mais recursos, seja para aumentar o número de vereadores.

Diante dessas disputas, quem sofre são os moradores de lá que ficam sem a ajuda de nenhuma delas. (Diário de campo *online*, 23/05/2021).

Certamente, a situação apontada por Seu Elias destaca a complexidade envolvida na disputa territorial entre os municípios. A Vila São Francisco se torna um campo de batalha político, onde as administrações municipais buscam reivindicar o número de habitantes, visando ganhos políticos e financeiros, enquanto os moradores são negligenciados nesse processo.

As consequências dessa disputa recaem diretamente sobre os residentes da Vila, que acabam por não receber o suporte e a assistência necessários de ambas as prefeituras. É uma situação lamentável, pois, em vez de colaboração mútua para o bem-estar da comunidade, a competição política leva à inércia administrativa.

A observação das Unidades Básicas de Saúde implantadas por cada prefeitura na Vila é um exemplo visível da presença dessas instituições no território disputado. No entanto, essa presença não se traduz necessariamente em um cuidado efetivo ou na resolução dos problemas enfrentados pelos moradores locais.

2.1.2 ANTES DO BEATO TUDO ERA MATO! Contexto histórico

Antes do advento do Beato Franciscano, a região onde hoje se localiza a Vila era denominada Serra Grande e pertencia à família Sibaldo. Essa informação é corroborada por relatos da população local e por Dona Sara Sibaldo, 79 anos, filha de seu José Sibaldo de Assunção. Segundo ela, seu pai foi responsável por acolher o Beato Franciscano em suas terras após este deixar Batalha-AL.



Ilustração nº 19: o Beato e a família Sibaldo. Seu José Sibaldo de Assunção à esquerda, sua esposa à direita e, no centro, o Beato Franciscano. (Acervo de Dona Sara Silbald).

Na ilustração nº 19, cedida por Dona Sara durante uma das minhas visitas à Vila, encontram-se seu pai e sua mãe junto ao Beato, do qual haviam se tornado amigos e seguidores. A fotografia foi capturada quando os dois decidiram ingressar na 3ª Ordem dos Franciscanos, seguindo os passos do Beato, membro da Ordem Terceira. Apesar de Dona Sara não ter fornecido o ano exato da fotografia, ela sabia que foi tirada após a construção da primeira igreja na Vila (Diário de campo 5, 11/06/2022).

A região onde a Vila se situa era denominada Serra Grande e era propriedade da família Sibaldo. No final do século XIX e início do século XX, a área era dominada pela monocultura de algodão, incentivando investimentos no setor ferroviário. A primeira grande transformação na região ocorreu com a passagem do ramal ferroviário da Great Western of Brazil Railway. Este projeto buscava alcançar o município de Porto Real do Colégio-AL, às margens do Rio São Francisco. O prolongamento da linha férrea teve início no final do século XIX e se estendeu por décadas. O trecho entre Palmeira dos Índios e a ferrovia foi finalizado apenas em 1933, alcançando Porto Real do Colégio somente em 1950. Durante esse processo, a Vila começou a crescer e recebeu sua própria estação ferroviária.

De acordo com minhas pesquisas e registros históricos, entre 1912 e 1938, quando o Beato Franciscano chegou ao sopé da Serra Grande em Quebrangulo-AL, não havia nenhum núcleo urbano formal naquela área, sendo apenas uma estação ferroviária. Embora alguns relatos afirmem que o próprio religioso tenha sido o primeiro habitante, Dona Sara, filha de

José Sibaldo, indica que seu pai e tio, Luiz Sibaldo, já residiam naquelas terras e foram eles que convidaram o Beato.

O professor Ulisses Neves Rafael, em sua dissertação de mestrado, destaca que a superprodução mundial de algodão entre os anos 1936/37 impactou negativamente o Brasil, incapaz de competir com os Estados Unidos. Isso teve efeitos devastadores em Quebrangulo-AL, resultando na monopolização das atividades produtivas por empresas multinacionais como a Sociedade Algodoeira do Nordeste do Brasil (SANBRA) e a Anderson Clayton. Essas empresas se apropriaram das fazendas e das máquinas de descaroçamento do algodão, provocando a expropriação gradual das pequenas propriedades e fluxos migratórios constantes (RAFAEL, 1996, p.63).

Segundo Rafael, esse movimento migratório foi um catalisador para as peregrinações religiosas na região e no sertão, explicando a chegada do Beato Franciscano e seus seguidores em 1938. Esses seguidores, antes agregados, moradores, arrendatários, meeiros e pequenos proprietários, foram afetados pela crise econômica e pela ascensão do capitalismo agrário (RAFAEL, op. Cit., p.64).

A crise na produção do algodão levou parte da população agrária à perda de seus meios de subsistência, levando-os a buscar na religião um conforto. Foi então que surgiu um homem com um crucifixo na mão direita, trajando um hábito negro, com um grande rosário ao pescoço, proclamando que "era chegada a hora da penitência" (NEVES, idem, p.28)..

Em 1938, Antônio Fernandes Amorim, conhecido como Beato Franciscano, deixou a região da Serrinha - Serra do Bom Jesus - em Batalha-AL, dirigindo-se para a Serra Grande, em Quebrangulo-AL. Ali, ele retomou suas pregações para os romeiros que ali chegavam, e muitos deles optaram por permanecer na região. Rapidamente, o local foi ocupado por centenas de romeiros, que trabalharam para criar condições de sobrevivência na Vila, que gradativamente crescia. Nesse contexto, o Beato escolheu São Francisco de Assis como padroeiro daquele novo lar.

Conforme o estudo "A Utopia cristã nordestina" da professora Enaura Quixabeira Rosa e Silva, "na época do Beato havia uma colheita de 500 a 600 sacos de feijão, e o local se destacava pela limpeza das casas, a existência do orfanato e da casa dos idosos. O Beato construiu ainda a igreja e uma escola" (p.68, 2010).

A autora ressalta que a Vila não crescia apenas em termos populacionais e de produção agrícola, mas também em benfeitorias assistenciais. Com a colaboração da população, foi

erguida uma igreja, um orfanato e uma escola destinada às crianças da Vila e também àquelas que eram abandonadas e deixadas aos cuidados do Beato.

Seu Sebastião, de 85 anos, que conheci no ponto de ônibus/van em 11 de junho de 2022, onde estava sentado e conversando com seu Elias, de 63 anos, ambos moradores da Vila, partilhou que foi uma das crianças acolhidas pelo orfanato durante o período em que o Beato estava vivo. "O orfanato foi onde cresci, o Beato cuidava muito bem da gente, lá tínhamos comida e estudo. Eu era uma criança naquela época, lembro-me muito pouco, mas sei que não estaria vivo se não fosse o orfanato..." (Diário de campo 5, 11/06/2022)

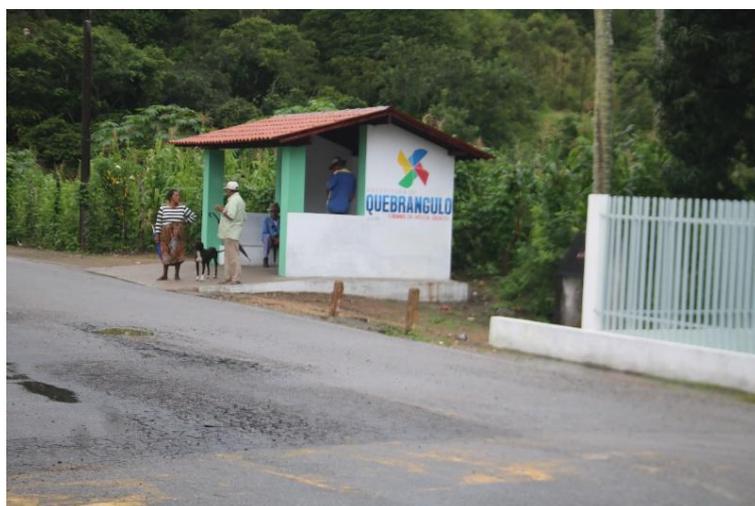


Ilustração nº 20: Ponto de ônibus. Na fotografia está o ponto de ônibus/van onde conheci seu Sebastião, de blusa verde clara, conversando com sua esposa, e seu Elias, de costas. Usando blusa azul, ao fundo, sentado no banco, seu Manoel. (Acervo pessoal do autor, 11/06/2022).



Ilustração nº 21: Orfanato São Francisco de Assis, que se encontra atualmente fechado. (Acervo pessoal do autor, 08/01/2022).

O orfanato foi uma das principais obras do Beato. Encontrar Seu Sebastião, de 85 anos, que foi atendido por ele, foi um dos grandes achados durante a pesquisa de campo. Muitos dos que viveram na Vila já faleceram ou se mudaram. Seu Sebastião revelou que saiu da Vila ainda jovem, indo morar no Rio de Janeiro para "tentar a vida", e retornou em 2006, desejando voltar ao lugar onde cresceu e que guarda boas lembranças (Diário de campo 5, 11/06/2022).

Nos primeiros anos da Vila, o Beato se tornou uma figura expressiva na liderança de sua comunidade. Apesar de todo o prestígio, os moradores relatam que ele levava uma vida simples, engajando-se com seus seguidores em mutirões para construção de casas e plantações, além de prestar atenção a todos que o procuravam.

Dona Sara relata que o orfanato abrigava quase cinquenta crianças, todas elas apadrinhadas pelo comerciante e político Humberto Mendes, em uma relação que também envolvia apoio político ao Beato em troca das ajudas concedidas (Diário de campo 5, 11/06/2022).

Seu José recorda que a Vila era conhecida pelo clima de solidariedade humana, onde não havia venda de cachaça ou fumo, e até mesmo os palavrões eram reprimidos. As festas organizadas pelo Beato em homenagem a São Francisco atraíam multidões, levando a Vila a improvisar alojamentos e alimentação para todos os visitantes (Diário de campo online, 28/05/2021).

Pelos relatos coletados em campo e nas produções acadêmicas, evidencia-se que a Vila era uma comunidade de sucesso, com crescimento populacional notável e estruturas urbanas robustas. Baseada nos ideais de irmandade e fraternidade Franciscana, era uma comunidade unida por um senso de bem comum. O Franciscano liderava a população de forma eficaz.

2.1.4 BEATO FAZ MILAGRE? O milagre do cruzeiro

Durante a pesquisa de campo, uma das histórias mais contadas sobre o Beato e a comunidade foi a do milagre do cruzeiro. Por volta dos anos de 1950, já com a comunidade estabelecida e fortalecida, o Franciscano planejou uma visita ao local onde iniciou sua jornada de pregações, na Serrinha em Batalha-AL, de onde havia saído em 1938, devido a conflitos, com o objetivo de erguer um cruzeiro. Para isso, pediu aos homens da Vila, que tinham habilidades em carpintaria, que construíssem um cruzeiro usando os troncos de duas grandes árvores retiradas durante a construção do santuário de São Francisco.

Após a construção do cruzeiro e os preparativos para a viagem, o Beato e centenas de fiéis deram início a uma jornada de mais de 100km⁷ a pé, saindo da Vila São Francisco em Quebrangulo-AL até a Serrinha em Batalha-AL. Durante essa peregrinação, o cruzeiro era carregado pelos fiéis e pelo Beato, com revezamento dos carregadores em intervalos de tempo razoáveis. No entanto, muitos demonstravam desânimo pela dificuldade de carregar o peso do objeto, uma vez que a jornada era longa.

Ao notar o desânimo das pessoas para carregar o cruzeiro, o Beato ordenou que a procissão parasse e subiu na cruz, ficando de pé no cruzamento das pranchas. Ele pediu que a levantassem para continuarem a caminhada. De acordo com relatos, nesse momento, o cruzeiro ficou muito mais leve e pôde ser conduzido com facilidade. Quando o Beato descia, o objeto voltava a ficar pesado, levando muitos a considerar aquilo um milagre, uma vez que o objeto deveria ter ficado mais pesado com a adição do peso do Beato. Frei Mário, reitor do santuário, conta que o que muitos chamaram de milagre era, na verdade, uma curiosidade:

O povo queria ficar perto do Beato, quando ele subiu na cruz, todo aquele povo queria segurá-la, e quando ele descia, reduzia a quantidade de pessoas carregando a cruz, voltando a ficar pesada. Ou seja, com mais gente segurando a cruz é obvio que ela ficaria mais leve [risos]. (Diário de campo 1, 01/08/2018)

Se foi um milagre ou não, essa questão parece não ser tão relevante quanto a jornada e a fé daquelas pessoas, que, sem dúvida, desejavam estar o mais próximo possível do Beato. Afinal, não é para qualquer um fazer uma caminhada de mais de 100 km carregando uma cruz. “Aqueles pessoas depositavam no Franciscano sua confiança, energia, fé e muito mais, pois viam nele um líder e um guia!” (Seu Elias, diário de campo 5, 11/06/2022). Seu prestígio entre a população era inegável, assim como sua vontade de ajudar a comunidade, mas conseguir recursos não era algo fácil!

É perceptível que o Beato exercia uma influência magnética sobre os fiéis. Ele era o centro de suas crenças e esperanças, um farol que os guiava através de tempos difíceis e desafiadores. Seu poder de liderança era incontestável, mas a obtenção de recursos para a manutenção e desenvolvimento da comunidade era uma tarefa árdua.

⁷ Consulta da distância realizada no Google Maps <<https://www.google.com.br/maps/dir/-9.3648865,-36.4190113/Igreja+da+Serrinha,+Batalha+-+AL,+57420-000/@-9.364691,-36.4186263,19.5z/data=!4m9!4m8!1m0!1m1!1s0x705e3bbe61e02b5:0x2bfb0dad565870c3!2m2!1d-37.1213723!2d-9.6783368!3e2?hl=pt-BR>>.

2.2 TUDO TEM UM PREÇO: o apadrinhamento e as relações políticas

O conceito de reciprocidade de Marcel Mauss é fundamental para compreendermos as dinâmicas sociais, econômicas e políticas da Vila São Francisco. Dentro desse contexto, o Beato não apenas buscava auxílio financeiro e recursos materiais para sustentar a comunidade, mas também estabelecia uma rede complexa de trocas e favores que transcendia a esfera meramente econômica.

Por meio de alianças políticas, o Beato buscava apoio junto aos líderes políticos locais e, em retorno, oferecia suporte político e apoio popular. Essa interação refletia uma relação de reciprocidade na qual os benefícios recebidos não eram vistos como meras dádivas, mas como um compromisso implícito de retribuição.

Essa estratégia não se limitava a uma simples troca de favores; ela desencadeava um ciclo contínuo de interações, no qual a obtenção de recursos estava intrinsecamente ligada à concessão de apoio político. Ao fazer uso desse mecanismo de reciprocidade, o Beato não apenas viabilizava recursos essenciais para a manutenção da Vila e do orfanato, mas também consolidava sua posição como um líder influente, capaz de intermediar relações entre a comunidade e os representantes políticos.

Nesse cenário, a dinâmica da troca não se restringia ao aspecto material, estendendo-se à esfera política, social e simbólica. O prestígio do Beato e sua capacidade de articular recursos demonstram como a reciprocidade permeava não apenas as relações econômicas, mas também as estratégias políticas de manutenção e fortalecimento da Vila São Francisco.

Essa prática evidencia como as alianças políticas estabelecidas pelo Beato não eram apenas transações pontuais, mas sim um intrincado sistema de reciprocidade que assegurava o suporte necessário para a comunidade, enquanto fortalecia a influência do líder religioso na esfera política local.

2.2.1 VONTADE DE AJUDAR TODA AQUELA GENTE! O Beato e a política local

O Beato Franciscano, devido à sua notável dedicação em ajudar e auxiliar tantas pessoas, conquistou um amplo prestígio e reconhecimento entre os habitantes da região. Seu compromisso com a comunidade logo atraiu a atenção dos políticos locais, que vislumbraram a oportunidade de obter seu apoio e, conseqüentemente, os votos que ele poderia influenciar.

Um exemplo marcante desse envolvimento político foi a aproximação de Manoel Sampaio Luz, conhecido como ‘Juca Sampaio’, que almejava concorrer às eleições para prefeito de Palmeira dos Índios em 1950. Juca Sampaio se aproximou do Beato, oferecendo auxílio financeiro para a comunidade, buscando assim o seu apoio e simpatia.

No entanto, após sair vitorioso sobre Humberto Mendes nas eleições, Juca Sampaio não cumpriu sua promessa e negligenciou por completo a comunidade da Vila, levando o Beato a se distanciar dele. Aproveitando essa situação, Humberto Mendes encontrou uma oportunidade e se aproximou do Franciscano por intermédio do deputado estadual Abrahão Moura, apadrinhando várias crianças do orfanato. Sebastião, um morador da Vila, compartilhou que foi uma dessas crianças beneficiadas.

Essa aproximação e apoio prestado por Humberto Mendes ao orfanato e às crianças garantiram o suporte político do Beato para Mendes, que almejava uma candidatura a deputado estadual. No entanto, conforme relatos de Dona Sara, essa escolha do Beato causou certa inquietação entre os Sampaio, que naquela época não tinham uma reputação positiva na região, sendo temidos por muitos. Dona Sara enfatizou:

“[...] muitos políticos queriam o apoio dele, mas ele dizia que não, pois já estava comprometido com dr. Humberto, porque cuidava muito bem das crianças do orfanato [...] O problema é que isso não foi bom para ele, porque os Sampaio não gostaram muito disso, e naquela época eles não tinham uma fama muito boa, muita gente tinha medo deles [...]” (Diário de campo 5, 11/06/2022).

O apoio do Beato Franciscano à candidatura de Humberto Mendes para o cargo de deputado estadual nas eleições de 1954 causou inquietação e descontentamento entre as famílias Sampaio e Maia na região. Essa aliança política, que enfraquecia as chances de Geraldo Sampaio, filho de Juca Sampaio, em sua tentativa de suceder a vaga de Remi Maia, gerou considerável tensão entre as famílias políticas.

Dona Sara, em seu relato, destaca que o apoio do Franciscano a Humberto Mendes desagradou profundamente a família Sampaio, que contava com o respaldo de outra influente família na região, os Maia. Segundo ela, o Beato já manifestava um sentimento de que algo estava prestes a acontecer. Ela compartilhou: “Meu pai dizia que tinha um pressentimento de que algo iria ocorrer, pois mencionava sobre fazer uma viagem e garantia que não se preocupassem, pois haveria alguém em seu lugar” (Diário de campo 5, 11/06/2022).

Nas palavras de Dona Sara, essa fala do Beato é vista como um pressentimento ou previsão do que estava por vir. Ela relata que o Beato, ao mencionar sobre sua viagem e a chegada de outra pessoa para assumir seu lugar, parecia ter uma sensação de certeza de que tudo ficaria bem, indicando a vinda de Frei Damião para assumir seu posto. Esse pressentimento, real ou interpretado, pareceu prenunciar um acontecimento de relevância. Esse episódio gerou um clima de apreensão e incerteza entre os políticos das famílias Sampaio e Maia, sinalizando uma iminente mudança ou evento a se concretizar no horizonte político local.

2.2.2 A VIAGEM DO BEATO! A tragédia do assassinato

Os relatos remontam a alguns meses antes das eleições de 1954, especificamente em 30 de julho. Nessa data, a comunidade da Vila São Francisco estava em plenos preparativos para a tradicional festa de aniversário do Beato Franciscano, programada para ocorrer entre os dias 12 e 15 de agosto. Nesse contexto, dois homens desconhecidos na região, trajando capotes, adentraram a vila na tarde daquele dia. Demonstravam certo interesse no Beato, perguntando sobre ele e buscando informações para encontrá-lo, dado que não o conheciam. Em um determinado momento, solicitaram a um dos moradores que lhes indicasse a direção da residência do Franciscano.

Tendo em mente a prática costumeira de diversos romeiros chegando à Vila em busca do Beato, seja para buscar sua ajuda ou receber suas bênçãos, a presença dos dois desconhecidos não levantou suspeitas, e, assim, foram direcionados até o local onde o Franciscano se encontrava. Dirigiram-se à capela de São Francisco, onde o Beato estava prestes a concluir uma conversa com alguns fiéis, retirando-se em seguida do local.

Ao deixar a capela, já no período noturno, o Franciscano percebeu que uma lâmpada piscava em um poste próximo ao orfanato. Diante disso, solicitou a um morador próximo que providenciasse uma escada, enquanto ele próprio se dirigia à sua casa em busca de outra lâmpada. Ao retornar, ele mesmo subiu na escada para realizar a troca da lâmpada, substituindo a que apresentava defeito por uma nova. Foi nesse exato momento, enquanto realizava a troca da lâmpada, que os dois homens se aproximaram, e um deles efetuou dois disparos.

Ao cair, o outro agressor efetuou mais dois disparos contra o Beato. O morador que segurava a escada enquanto o Franciscano realizava a troca de lâmpada tentou impedir os tiros, lançando-se contra os agressores, mas também foi atingido fatalmente. Após atirarem no morador, os agressores efetuaram mais dois tiros a curta distância. Ao tentarem fugir, foram

perseguidos por dois moradores, um dos quais foi alvejado por dois tiros e posteriormente socorrido e transportado para a capital, Maceió. Os dois assassinos, no entanto, conseguiram escapar.



Ilustração n° 22: O adeus ao Beato! Na fotografia está o caixão do Beato sendo carregado por várias pessoas, em direção ao cemitério da Vila São Francisco. (Jornal Gazeta de Alagoas 02 de fevereiro de 2013).

A comunidade da Vila São Francisco ficou profundamente abalada com a perda do Beato e de Francisco Inácio da Silva, um morador local que auxiliava o franciscano com a escada e tentou intervir para impedir os agressores. O velório do Beato se estendeu por quase dois dias, e o seu corpo foi sepultado na tarde de domingo, 1º de agosto, em um momento que reuniu uma multidão de fiéis, que acompanharam o cortejo fúnebre até o local de sepultamento.

2.2.3 O POVO PEDE JUSTIÇA! A repercussão e as reações sobre o assassinato

O dia seguinte ao assassinato do Beato Antônio Fernandes Amorim testemunhou uma ampla repercussão do incidente, tornando-se manchete nos principais jornais da região de Alagoas, tanto na capital quanto no interior. A notícia do crime mobilizou a opinião pública, despertando questionamentos sobre as investigações para a captura dos criminosos e as punições apropriadas. A população regional clamava por justiça em nome do Beato.

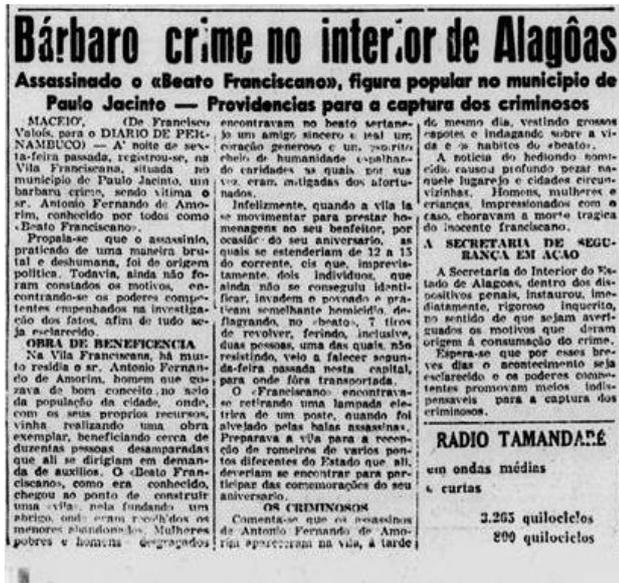


Ilustração nº 23: Recorte do Jornal Diário de Pernambuco, de 7 de agosto de 1954, noticiando o assassinato do Beato. (Biblioteca Nacional Digital).

O trecho apresenta detalhes sobre a notícia do assassinato publicada nas páginas do Diário de Pernambuco, datada de 7 de agosto de 1954. O jornal circulava na região metropolitana de Recife, capital de Pernambuco. O artigo, escrito por Francisco Valois, correspondente do jornal em Maceió, capital alagoana, trazia como título “[...] Providências para captura dos criminosos”, refletindo a mobilização em torno da resolução do crime.

No dia seguinte ao ocorrido, em 31 de julho, o secretário de segurança pública, Hélio Cabral de Vasconcelos, solicitou que o delegado Fernando Dâmaso assumisse as investigações, contando com a assistência do escrivão Souza Borges, da 1ª Delegacia de Polícia da Capital. A pressão pela rápida solução do caso foi intensificada pelo então candidato a deputado estadual, Humberto Mendes, que desfrutava do apoio do Beato e era padrinho de várias crianças do orfanato sob os cuidados do Franciscano.

À medida que as investigações avançavam, crescia a suspeita, tanto entre a população quanto no próprio candidato Humberto Mendes, de que o crime estava intrinsecamente ligado ao apoio político expresso pelo franciscano nas eleições daquele ano. Esse quadro ampliou as desconfianças sobre as famílias Sampaio e Maia. Enquanto o inquérito se desenvolvia, a prioridade das autoridades era a busca pelos assassinos.

O delegado, durante o curso das investigações, recebeu informações cruciais sobre um dos suspeitos, identificado como José Guilherme da Silva, conhecido como Catucá, oriundo de Palmeira dos Índios-AL, que fugira da cidade logo após o crime. Com base nessa informação,

o delegado levou o pai e o irmão de Catucá para interrogatório. Durante o questionamento, eles relataram que o suspeito aparecera em sua residência em Palmeira dos Índios alguns dias após o assassinato, confessando o crime e instruindo-os a vender tudo, reunir seus filhos e aguardá-lo em Propriá-SE, onde o encontrariam para fugir para São Paulo-SP.

Diante dessas informações cruciais, o delegado requisitou a prisão de Catucá e solicitou apoio à polícia paulista, enviando o Tenente Osman, da Polícia Militar de Alagoas, para auxiliar nas buscas. Em breve, a polícia conseguiu localizar e prender o suspeito, um desfecho crucial nas investigações do assassinato do Beato Antônio Fernandes Amorim.



Ilustração n° 24: Recorte do jornal “Correio da Manhã” (RJ), em 1° de setembro de 1954, noticiado a prisão de criminoso. (Biblioteca Nacional Digital).

Quase um mês após o crime, finalmente surgiu a tão aguardada notícia sobre a prisão do suspeito do assassinato do Beato Franciscano. O jornal Correio da Manhã, do Rio de Janeiro, em sua edição de 1° de setembro de 1954, reportou a captura de José Guilherme da Silva, considerado suspeito do homicídio de Fernando Amorim. Ele foi localizado na capital paulista, acompanhado de sua família, hospedados em um hotel na Rua Almeida Lima. A detenção foi realizada por agentes da Delegacia de Vigilância e Captura.

Nesta matéria, o jornal mencionou o nome do fazendeiro Ari Maia como suposto mandante do crime. Ao ser preso e interrogado, o suspeito revelou à polícia a identidade do outro indivíduo envolvido nos disparos: Luís Rodrigues, conhecido como Luís Lambiqueiro. Ambos teriam recebido a quantia de dois mil cruzeiros em Palmeira dos Índios. Após o delito, separaram-se para aguardar que a situação se acalmasse: Luís Lambiqueiro dirigiu-se para União dos Palmares-AL, enquanto José Guilherme seguiu para Bom Conselho-PE, perdendo-se seu rastro desde então.



Ilustração nº 25: Recorte do jornal “Correio da Manhã” (RJ), em 8 de setembro de 1954, noticiando a relação dos envolvidos com o crime. (Biblioteca Nacional Digital).

Uma semana após a primeira publicação que implicava Ari Maia como o mandante do crime, o jornal Correio da Manhã, em sua edição de 8 de setembro de 1954, relatou os supostos indivíduos envolvidos no caso. A lista incluía: Remi Maia, deputado estadual; Manoel Sampaio Luís, conhecido como Juca Sampaio, então prefeito de Palmeira dos Índios; Rubem Amorim, bacharel; Frederico Maia, patriarca da família Maia; Ari Maia, irmão de Remi; José Gomes e Luiz Correia. Além disso, também foram citados os nomes dos assassinos: José Guilherme da Silva – Catucá – e, Luís Rodrigues – Luís Lambiqueiro –.

2.2.4 QUE HAJA JUSTIÇA! As prisões e os julgamentos dos acusados

A notícia veiculada pelo Correio da Manhã, em 8 de setembro de 1954, relatava que a prisão preventiva de todos os suspeitos envolvidos no crime fora expedida, exceto a do

deputado Remi Maia, amparado pela imunidade parlamentar, e Frederico Maia, devido à sua avançada idade. O jornal também ressaltava o envolvimento político dos acusados, ligados ao Governador do Estado. Entretanto, o Secretário de Segurança Pública destacou que os mandados de prisão refletiam o compromisso do Governo Estadual na luta contra o crime.

A defesa dos acusados, apontados como mentores do crime, alegou que as acusações eram fruto de perseguição e calúnia por parte da oposição. Enfatizaram que todos mantinham reputações ilibadas na sociedade, sendo indivíduos respeitados e idôneos. No entanto, somente em maio de 1955, após as eleições realizadas em 3 de outubro de 1954, que levaram Humberto Mendes e Geraldo Sampaio à Assembleia Legislativa de Alagoas, é que os indiciados se apresentaram para cumprir a prisão preventiva. Isso incluiu Remi Maia, que renunciara à sua imunidade parlamentar em um gesto que considerava prova de sua inocência.



Ilustração nº 26: Recorte do jornal “Correio da Manhã” (RJ), em 24 de junho de 1955, noticiando o julgamento dos envolvidos com o crime. (Biblioteca Nacional Digital).

No dia 24 de junho de 1955, o Correio da Manhã publicou notícias referentes ao julgamento dos indiciados pelo assassinato do Beato. A matéria intitulada “FIGURAS DE PROJEÇÃO NO BANCO DOS RÉUS: Repartições e comércio cerram as portas para assistir ao julgamento em Quebrangulo - Absolvidos afinal” relata como aquele julgamento parou a região, mobilizando centenas de pessoas que queriam assistir ao desfecho.

O julgamento ocorreu em 20 de junho de 1955, no Clube Monte Castelo, em Quebrangulo-AL. Os indiciados como mandantes conseguiram que o julgamento fosse

separado do caso do assassino Catucá, que, como réu confesso, abriu mão de ser levado a júri popular.

Humberto Mendes, agora deputado estadual, ajudou a mobilizar os romeiros que desejavam estar presentes em Quebrangulo-AL para cobrar a punição dos acusados. Esperava-se um grande número de pessoas. Dona Sara relata a mobilização intensa: “[...] veio gente de todo canto, meu filho, tinha gente vindo da Serrinha, de Bom Conselho e outros cantos, se juntaram em Palmeira, vindo a pé com o dr. Humberto Mendes na frente” (Diário de campo 5, 11/06/2022).

Tamanha mobilização levou o então secretário de Segurança Pública a solicitar um caminhão com policiais militares para Quebrangulo-AL, a fim de manter a ordem e a proteção necessárias durante o julgamento. A brigada policial chegou um dia antes do julgamento, com dezenas de soldados. Os romeiros de Palmeira dos Índios-AL foram impedidos de entrar na cidade, deparando-se com uma barreira da Polícia Militar fortemente armada, com ordens para atirar em caso de tentativa de atravessar o bloqueio.

O juiz designado para o caso foi Olavo Cahet, presidindo o júri popular; o promotor indicado era de Anadia, Néo Fonseca, substituindo o titular da comarca. Seus auxiliares foram Sebastião Teixeira e João Sebastião Teixeira. A defesa alegou a inocência dos réus, argumentando que não havia provas que os ligassem ao crime, exceto por suas próprias confissões, obtidas sob tortura. Esses argumentos convenceram o júri popular, que absolveu todos os réus.

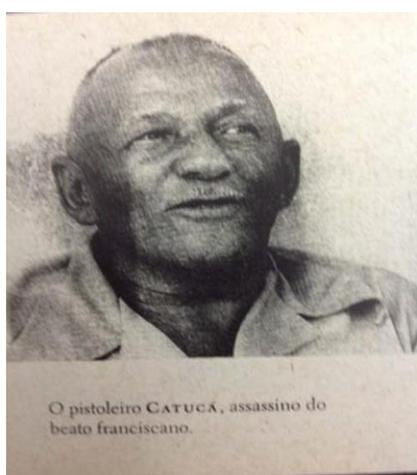


Ilustração nº 27: Um dos assassinos, José Guilherme da Silva, conhecido como Catucá (NEVES, p.56, 2014).

A trajetória legal de Catucá, que havia sido condenado inicialmente a 36 anos de prisão pelo assassinato do Beato Franciscano e de um dos moradores da Vila, teve um desfecho marcante após um recurso em segunda instância. Sua sentença foi reduzida para 29 anos e 6 meses, sendo 16 anos pela morte do Franciscano e treze anos e seis meses pela morte do morador da Vila. Após cumprir um terço da pena, aproximadamente 13 anos, foi libertado.

Essa história foi detalhadamente compartilhada por diversos interlocutores e também está documentada em importantes trabalhos acadêmicos, como os de Rafael (1996), Neves (2014) e Silva (2010). Inicialmente, entre os documentos previstos para análise, estava o auto do processo e das investigações, que faziam parte do acervo do núcleo de história - NPEF - da UNEAL em Palmeira dos Índios-AL, coordenado pelo Prof. Dr. José Adelson Lopes, e no qual estive envolvido durante minha graduação em História naquela universidade.

A perda do material do processo durante as reformas da instituição foi um revés considerável para a pesquisa histórica. Contudo, foi reconfortante perceber que diversas fontes, como os trabalhos acadêmicos de Rafael, Neves e Silva, bem como os artigos publicados nos jornais Gazeta de Alagoas, Diário de Pernambuco e Correio da Manhã, desempenharam papéis fundamentais na reconstrução e na compreensão da narrativa que envolve o assassinato do Beato e os desdobramentos desse trágico evento.

A riqueza de informações e detalhes fornecidos pelos trabalhos acadêmicos, artigos de jornais e as narrativas orais não apenas trouxeram luz aos eventos, mas também ofereceram diferentes perspectivas sobre o contexto e as consequências desse episódio na comunidade. É notável como essas fontes variadas se complementaram, possibilitando uma visão abrangente e detalhada da história local.

Apesar da lamentável perda do documento original do processo, a variedade e complementaridade das fontes disponíveis possibilitaram uma reconstrução sólida e detalhada dos acontecimentos. Esse episódio destacou a importância de abordagens multidisciplinares para preservar e compreender a história, ressaltando como diferentes fontes podem contribuir significativamente para manter viva a memória de eventos marcantes em nossa história regional.

CAPITULO III

“O QUE ACONTECE AGORA?”

O luto carrega consigo uma complexidade de sentimentos, entre eles a tristeza, a comoção e a saudade. Neste capítulo, pretendo investigar o impacto da ausência do líder e fundador da Vila São Francisco na dinâmica da comunidade, considerando as transformações sociais e religiosas que se seguiram após a morte do Beato Fernando de Amorim.

O objetivo é compreender como a Vila se adaptou sem a presença marcante desse líder espiritual, além de avaliar se o legado arquitetônico e filantrópico do Beato ainda se mantém vivo ou se foi gradualmente esquecido pelos habitantes locais. Utilizarei os conceitos etnográficos da vida urbana conforme apresentados por Rocha e Eckert (2013), complementados por imagens obtidas de interlocutores e arquivos públicos sobre a Vila ao longo dos anos.

O foco será analisar os relatos coletados em campo e as dificuldades enfrentadas para obtê-los. Pretendo investigar a relevância contínua do Beato dentro da comunidade, procurando compreender se houve um processo de preservação ou de apagamento de sua memória coletiva na Vila São Francisco em relação ao legado deixado por Fernando de Amorim. Esse exame detalhado visa oferecer uma compreensão mais profunda das mudanças ocorridas na comunidade após a ausência do Beato, contribuindo para o entendimento das dinâmicas sociais e culturais em torno do seu legado.

3.1 A VILA SÃO FRANCISCO: novos rumos da história

Para muitos, os primeiros anos representaram a era áurea da Vila. Sob a liderança do Beato, ela florescia e se expandia. Contudo, a história da Vila não encerrou-se com a sua morte, pois ele havia planejado meticulosamente o futuro, conforme relatado por Dona Sara.

Devido à sua condição como franciscano da Ordem Terceira, o Beato não tinha autorização para realizar batismos, celebrar missas ou ordenar membros para a Ordem. Por isso, ele contava com o apoio da Ordem Primeira, localizada em Bom Conselho-PE, e do padre de Quebrangulo-AL.

Antes do trágico evento, o Beato formalizou em cartório a doação de todos os seus bens para a Ordem dos Franciscanos em Pernambuco, com a finalidade de que essa instituição cuidasse das obras da Vila após a sua morte. Essa transação foi realizada poucas semanas antes

do seu assassinato, e na ocasião, Frei Otávio de Terrinca o acompanhou como representante da Ordem.

Após a morte do Beato, Frei Otávio assumiu a responsabilidade pelas obras de caridade e sua manutenção. Dona Sara e seu marido, Seu Manoel, de 95 anos, proveniente de Bom Conselho-PE, contam que durante o período em que Frei Otávio esteve à frente, ele enfrentou desafios significativos para manter as obras funcionando, especialmente o orfanato, que na época da gestão do Beato acolhia menos crianças do que sob a sua supervisão.

No entanto, após o falecimento de Frei Otávio, o orfanato e a escola foram fechados devido à necessidade de reformas e à escassez de recursos no Santuário, que era o centro administrativo. No início da minha pesquisa em 2018, conheci o Santuário, localizado na Rua São Francisco, ao lado da igreja e do orfanato. Na ocasião, em companhia do Professor Siloé, encontramos o Irmão Eliomar (imagem 29) e o Irmão Mário, que nos apresentaram o local e compartilharam o desejo de reformá-lo, a fim de reativar suas atividades e atender novamente às necessidades da comunidade.



Ilustração nº 28: Frente do Santuário de São Francisco de Assis. Na fotografia, na frente do Santuário está o Irmão Mário, reitor de lá, à esquerda; e um trabalhador à direita (acervo do autor, 01/08/2018).



Ilustração n° 29: Irmão Eliomar, à esquerda, e o prof. Siloé, à direita (acervo do autor, 01/08/2018).

Essas fotografias foram os primeiros registros que fiz em campo. Ao chegarmos lá, encontramos com o irmão Mário (ilustração n° 28) na frente do Santuário São Francisco de Assis, que possui em sua frente duas esculturas, uma do padroeiro São Francisco e outra de Santa Clara. Ao chegarmos, ele encontrava-se ocupado e pediu para que o Irmão Eliomar nos recebesse.

Este nos convidou até à varanda do Santuário, nos falou sobre a Ordem Franciscana e compartilhou o pouco que sabia sobre a Vila, já que havia chegado lá há apenas algumas semanas. Logo depois, o Irmão Mário veio ao nosso encontro e nos guiou para o interior do Santuário.

O interior exibia traços marcantes de uma arquitetura clássica, com vitrais coloridos adornando as janelas, transmitindo uma atmosfera de serenidade e devoção. As paredes caiadas e os bancos dispostos ordenadamente indicavam um espaço de culto conservado, mas que carecia de manutenção em algumas áreas.

Na nave principal, um altar de madeira ricamente esculpido dominava o espaço central, emoldurado por imagens sacras que remetiam à devoção a São Francisco de Assis. A iluminação tênue realçava a tranquilidade do ambiente, proporcionando um senso de contemplação.:



Ilustração nº 30: Interior do Santuário – a manjedoura no pátio externo do Santuário mostra três esculturas dos Reis Magos bíblicos. (Acervo do autor, 01/08/2018).

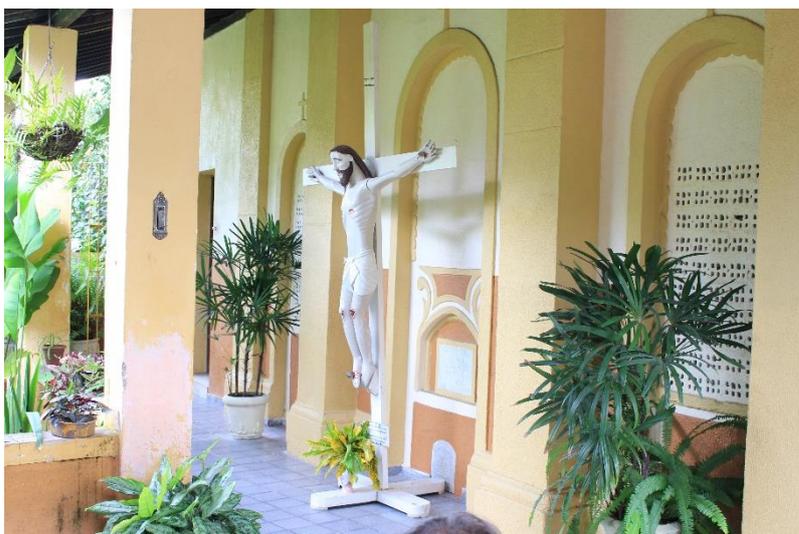


Ilustração nº 31: Interior do Santuário – o crucifixo no pátio externo do Santuário mostra Cristo crucificado. (Acervo do autor, 01/08/2018).



Ilustração nº 32: Interior do Santuário – Frei Damião, situado no pátio externo do Santuário. Estátua em homenagem ao seu centenário, sendo este um missionário que tinha a Vila como refúgio. (Acervo do autor, 01/08/2018)

Nas fotografias acima, é evidente a marcante relação dos Freis com as esculturas, uma prática hereditária da Ordem sediada em Bom Conselho-PE. Responsáveis pela herança legada pelo Beato, os frades franciscanos são reconhecidos como artesãos escultores, cuja renda, em parte, é derivada da comercialização de peças como essas. Essas obras, em certa medida, refletem os talentos e empreendimentos artísticos dos religiosos, muitas vezes empregados nas estruturas do legado deixado pelo Beato.

Contudo, além da maestria artística evidente, algo que capturou particularmente minha atenção foi a placa memorialística, confeccionada pelo Beato em homenagem à sua mãe. Esse gesto afetoso e pessoal, inscrito em um dos elementos do santuário, revela não apenas a devoção religiosa, mas também o afeto e a reverência familiares presentes no legado deixado por ele. A placa se torna um símbolo tangível da conexão emocional do Beato com sua mãe, proporcionando um vislumbre emocional além da espiritualidade que permeava seu legado..



Ilustração nº 33: Placa In Memória à mãe do Beato Franciscano, que fica no pátio externo do Santuário. (Acervo do autor, 01/08/2018)

Na placa, a dedicatória como "saudosa memória de seu inesquecível filho" revela um aspecto emocional íntimo e comovente do legado deixado pelo Beato. A homenagem à sua mãe ecoa uma história de vida tocante: relatos orais sugerem que ela, originária da região, tomou uma decisão difícil ao entregá-lo aos cuidados de freiras em um convento. Movida por uma visão especial em relação ao filho, ela acreditava que ele teria uma vida melhor sob os cuidados das religiosas.

A placa torna-se um ponto fixo e significativo naquele local, representando a memória perene do Franciscano. Notavelmente, não há outro marco físico que traga seu nome ou rosto na Vila, tornando essa placa não apenas uma expressão de devoção filial, mas também um símbolo tangível de sua presença e influência na comunidade.

Em contraste, a deterioração do antigo orfanato, uma estrutura que um dia foi um pilar vital na vida da Vila, é um testemunho visual da escassez de recursos e da ausência de manutenção ao longo do tempo. A negligência do prédio, agora em estado precário, reflete não apenas a falta de investimento financeiro, mas também a ausência de um suporte contínuo para preservar as realizações e o legado do Beato Fernando de Amorim.



Ilustração nº 34: Pátio externo do antigo orfanato. (Acervo do autor, 01/08/2018)



Ilustração nº 35: Varanda do Orfanato. Na fotografia-é possível ver nas paredes a deterioração. (Acervo do autor, 01/08/2018)



Ilustração nº 36: Varanda do Orfanato 2. Na fotografia é possível ver, no corredor, parte da deterioração. (Acervo do autor, 01/08/2018)



Ilustração nº 37: Interior do orfanato. Na fotografia encontra-se uma das salas do orfanato, onde as crianças estudavam. (Acervo do autor, 01/08/2018)



Ilustração n° 38: Porta. Na imagem encontra-se um dos acessos à parte interna do orfanato, onde é possível ver nas paredes a deterioração. (Acervo do autor, 01/08/2018)

As imagens capturadas mostram o estado deplorável em que se encontra o orfanato, testemunhando o impacto devastador da escassez de recursos e da falta de suporte das autoridades governamentais. Após o falecimento do Frei Otávio, o orfanato encerrou suas atividades, incapaz de se reerguer desde então. Embora não mais abrigue crianças, ainda há moradores no local.

Ao visitarmos o espaço, testemunhamos a presença de duas freiras dedicadas, residindo e zelando pelo lugar da melhor forma possível. Mesmo diante das dificuldades, elas persistem, realizando tarefas de manutenção e dedicando-se ao cultivo de alimentos para sua própria subsistência e dos freis. Essas religiosas continuam a oferecer cuidados básicos e apoio, mantendo viva a essência da instituição, apesar das condições precárias.

A falta de investimento e apoio governamental resultou no fechamento do orfanato, privando a comunidade de um importante centro de assistência. A persistência das freiras que permanecem no local é um testemunho notável de dedicação e resiliência, embora a incapacidade de revitalizar o orfanato permaneça como um desafio constante. Esta triste realidade reflete a necessidade urgente de intervenção e apoio para preservar o legado humanitário do Beato e sua missão de ajudar os necessitados..

3.3 O URBANO EM FOTORAFIAS: A Vila e alguns interlocutores



Ilustração nº 39: Ponte sobre o rio Paraíba, que dá acesso à Vila para quem vem de Quebrangulo. (Acervo do autor, 11/06/2022)



Ilustração nº 40: Entrada principal da Vila. Foto tirada do ângulo de quem vem de Paulo Jacinto. Nela é possível enxergar, ao fundo, as esculturas de São Francisco, de estatura menor, e a de Frei Damiano, de estatura maior. (Acervo do autor, 11/06/2022)



Ilustração n° 41: São Francisco de Assis, a escultura do padroeiro que dá nome à comunidade, e que fica antes da ponte, ou seja, antes da entrada, abençoando a comunidade e quem lá chega. (Acervo do autor, 11/06/2022).



Ilustração n° 42: Estação de Trem que ligava a Vila ao sistema ferroviário de Alagoas. (Acervo do autor, 11/06/2022)



Ilustração n° 43: Estação de Trem, a casa da estação ferroviária que havia sido reformada para funcionar com restaurante/bar, com finalidade turística, mas nunca funcionou. (Acervo do autor, 11/06/2022)



Ilustração n° 44: Primeiras casas de moradores da Vila, que ficam em frente ao Santuário. (Acervo do autor, 11/06/2022)



Ilustração nº 45: O Beato Franciscano, busto em homenagem ao fundador da Vila, localizado na praça em frente ao Santuário. (Acervo do autor, 11/06/2022)



Ilustração nº 46: Frei Otávio, busto em homenagem ao sucessor do beato, localizado em frente à Igreja construída durante seu período. (Acervo do autor, 11/06/2022)



Ilustração nº 47: Alicerce de uma das casas atingidas durante as enchentes de 2010, na qual os moradores atribuem a proteção de seus Beatos à Vila, pois apesar das destruições em Paulo Jacinto e em Quebrangulo, a Vila ficou de pé, até as casas mais antigas não caíram. (Acervo do autor, 11/06/2022).



Ilustração nº 48: Cemitério onde descansa o corpo do Beato. (Acervo do autor, 01/08/2018)



Ilustração n° 49: As ruínas da antiga igreja, foto obtida a partir do cemitério, e onde é possível ver a construção da antiga igreja que havia sido erguida pelos moradores e pelo Beato nos primeiros anos de formação da Vila. (Acervo do autor, 01/08/2018).



Ilustração n° 50: Tumulo do Beato, erguido em forma de capela, por traz do cruzeiro. (Acervo do autor, 01/08/2018)



Ilustração nº 51: Interlocutores. Na fotografia encontram-se dona Sara e seu Manoel. Foram eles que me contaram boa parte dos relatos orais sobre o Beato e seu assassinato. (Acervo do autor, 11/06/2022)

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos quatro anos dedicados a esta pesquisa, testemunhei poucas mudanças no cenário urbano e arquitetônico da Vila São Francisco. Mesmo após o fechamento do orfanato e a suspensão das atividades da escola, os vestígios do legado deixado pelo Beato Fernando de Amorim e Frei Otávio permanecem em meio às lembranças da comunidade.

Durante minhas incursões à Vila, encontrei apoio e acolhimento entre seus habitantes, que prontamente compartilharam relatos históricos, principalmente sobre o impacto de figuras como Frei Damião, contemporâneo do Beato. A relação dos moradores com a igreja e o sacerdote nem sempre foi fácil, com alguns destacando desavenças e a falta de conexão com certos líderes religiosos.

A história do Beato e os eventos que envolveram sua fundação e assassinato despertaram meu interesse. Esses acontecimentos, inseridos no contexto histórico nordestino, apresentam elementos marcantes da cultura regional, como a religiosidade e o messianismo, além de refletirem aspectos políticos e sociais da época.

Minha abordagem teórica envolveu a análise do fenômeno religioso à luz do movimento messiânico, explorando suas implicações históricas e econômicas na região. Reconheço que este estudo não propõe revisões radicais das teorias existentes, mas pretende atualizar parte do conhecimento disponível a partir de novos insights e fenômenos observados.

Acredito que esta pesquisa contribua para resgatar discussões sobre conflitos religiosos e políticos, fornecendo insights valiosos para a compreensão de crises mais

abrangentes na estrutura social. Além disso, espero que sirva como um registro que, um dia, poderá ser útil para os próprios membros da comunidade, permitindo-lhes refletir sobre sua própria história.

Em relação ao interesse acadêmico, este estudo busca ressaltar a importância das manifestações religiosas em comunidades locais, mesmo que sua abordagem etnográfica não tenha sido exaustiva. Espero que as informações e perspectivas aqui apresentadas possam abrir caminho para futuras investigações e uma compreensão mais profunda dessa realidade singular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHUTT, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1997.
- ALBERTI, Verena. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- _____. **Manual de História Oral**. 3^a ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ALMEIDA, Maria Isabel Medeiros. **Memória e História**: o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto na Narrativa Histórica. São Paulo: PUC-SP, PPHS, Dissertação de mestrado, 2011.
- BAUDRILLARD, Jean - **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENÍCIO, Manuel. **O Rei dos Jagunços**: crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. Edição fac-similar. Brasília, Senado Federal, 1997.
- BENSA, Alban. “**Da micro-história a uma antropologia crítica**” In REVEL, Jacques (org.) Jogos de Escalas: A experiência da micro-análise. Rio de Janeiro: FGV, 1998. (Pp. 39-76).
- BÍBLIA. Mateus. Português. In: **A Bíblia sagrada**: antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2006.
- BOAS, Franz. **As limitações do método comparativo em Antropologia**. In: “Boas, Franz. Antropologia Cultural. Org. Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do Sagrado**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- COSTA, Carla. **Cronologia resumida da Guerra de Canudos**. Museu da República IBRAM / MinC, outubro de 2017, disponível em:
<<http://museudarepublica.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/10/CronoCanudos.pdf>> acesso em 22 de abril de 2021
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 17. ed. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.
- _____. **O suicídio**: estudo de sociologia. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FURTADO, Celso. **A Fantasia Desfeita**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. **A destruição da terra sem males**: o conflito religioso do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto. REVISTA USP, São Paulo, n.82, p. 54-67, junho/agosto 2009

GUTIÉRREZ, Marisol Rodríguez. **Testimonio y poder de la imagen**. In: BAZTÁN, A. Aguirre. Etnografia. Barcelona: Marcombo, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990

HORAN, James David. **Mathew Brady, historian With a Camera**. Nova Iorque: Random House, 1988.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papyrus, 1989.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia, traduções de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça; revisão de Eunice Ribeiro Durham. 2ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINS, Paulo Emílio Matos. **A reinvenção do sertão**: organização social e poder na comunidade do Belo Monte (Canudos, 1893 - 1897). São Paulo: EAESP/FGV, Tese de doutorado, 1999.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MORESI, Eduardo. (Org) Metodologia da Pesquisa., Programa De Pós-Graduação Stricto Sensu Em Gestão Do Conhecimento E Tecnologia Da Informação Universidade Católica De Brasília – Ucb Pró-Reitoria De Pós-Graduação. Brasília – DF, 2003. disponível em:
< <http://www.inf.ufes.br/~pdcosta/ensino/2010-2-metodologia-de-pesquisa/MetodologiaPesquisa-Moresi2003.pdf>> acesso em 22 de abril de 2021

NEVES, Gilvan G. **O Beato Franciscano**: messianismo religioso em Alagoas. Recife: UNICAP, PPCR, Dissertação de mestrado, 2014.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. In: Projeto História, (Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, PUCSP). São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Os diários e suas margens**. Brasília: Editora da UNB, 2002. (trechos selecionados).

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François, Campinas, SP: editora da Unicamp, 2007.

QUEIROZ, Maria Isaura P. **O Messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Alfa Ômega, 2003.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. **Antropologia da e na cidade**: interpretações sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marcavizual, 2013.

SAMAIN, Etienne. “**VER**” E “**DIZER**” NA TRADIÇÃO ETNOGRÁFICA: Bronislaw Malinowski e a fotografia. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, ed. 2, p. 23-60, jul./set. 1995. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/etienne_samain_unicamp/wp-content/uploads/2018/01/Samain-1995-Ver-e-dizer-Malinowski.pdf. Acesso em: 14 set. 2021.

SCARDELAI, Donizete. **Movimentos messiânicos no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1998.

SILVA, Antônio Zilmar da. **Homens, letras, risos e vozes em trincheiras**: matrizes narrativas dos movimentos armados no Ceará (1912-1914). São Paulo: PUC-SP, PEPH, Tese de doutorado, 2009.

TEÓFILO, Rodolfo. **A sedição do Juazeiro**. Ed. Terra de sol, 1969.

TURNER, Victor. **O Processo Ritual**: Estrutura e Antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

Kuhn, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

VOLZ, Filipe. "Walter Benjamin: memória e conhecimento do presente". In: **Dossiê Filosofias da memória, 2019**. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/40395/html>

VAGNA, Rogério, "**Leibniz e sua concepção do melhor dos mundos**". In: Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 6, n. 1/2/3, 2006. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/ric/article/view/146>.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Ed. da UnB, 1999.

WUNENBURGER, Jean-Jacques, ARAÚJO, Alberto Filipe. **Educação e Imaginário**. São Paulo: Cortez, 2007.

JORNAIS

APRATTO, Douglas. RELIGIÃO E POLITICA: A morte do Franciscano e a crise do impeachment. **Gazeta de Alagoas**, Maceió-AL, ano 2013, 2 fev. 2013. +Saber, p. 04-05.

Biblioteca Nacional Digital. FIGURAS DE PROJEÇÃO NO BANCO DOS RÉUS: Repartições e comercio cerram as portas para assisti ao julgamento em Quebrangulo- Absolvidos afinal. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro-RJ, ano 1954, n. 18851, 24 jun. 1955. p. 5, 1ª caderno, p. 01-41. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&Pesq=%22Remi%20Maia%22&pagfis=49624. Acesso em: 22 set. 2022.

_____. PRÊSO: o assassino do Frei Fernandes. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro-RJ, ano 1954, n. 18845, 1 set. 1954. p.5, p. 01-20. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&pagfis=39595. Acesso em: 24 ago. 2022.

_____. RESPONSABILIZADOS PELA MORTE DO "FRANCISCANO": Solicitada a prisão preventiva dos indiciados. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro-RJ, ano 1954, n. 18851, 8 set. 1954. p. 3 (11), 2ª caderno, p. 01-16. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&pagfis=39832. Acesso em: 31 ago. 2022.

_____. VALOÍS, Francisco. Crime no interior de Alagoas: assassinado o Beato Franciscano, figura popular no município de Paulo Jacinto – Providências para captura dos criminosos. **Diário de Pernambuco**, Recife-PE, ano 1954, n. 00172, 7 ago. 1954. p.5, p. 01-14. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=029033_13&pagfis=22593. Acesso em: 24 ago. 2022.

O Jornal (CE) - 1932 a 1935. Biblioteca Nacional Digital – Brasil. Hemeroteca Digital Brasileira, UF:CE - Período: 1930 - 1939. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720631&pagfis=284>> Acesso em 15 de maio de 2021

O Povo (CE) - 1934 a 1937. Biblioteca Nacional Digital – Brasil. Hemeroteca Digital Brasileira, UF:CE - Período: 1930 - 1939. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763853&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=1>> Acesso em 15 de maio de 2021